

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**HISTÓRIA DO QUE PODERIA TER SIDO
VIEIRA, CULTURA E EDUCAÇÃO**

ARARY LIMA GALVÃO DE OLIVEIRA

**PIRACICABA, SP.
2012**

HISTÓRIA DO QUE PODERIA TER SIDO VIEIRA, CULTURA E EDUCAÇÃO

ARARY LIMA GALVÃO DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ MARIA DE PAIVA

**Dissertação apresentada à
Banca Examinadora do
Programa de Pós-
Graduação em Educação da
UNIMEP como exigência
parcial para obtenção do
título de Mestre em
Educação**

**PIRACICABA, SP.
2012**

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. José Maria de Paiva

UNIMEP

Prof. Dr. Severino Antonio Moreira Barbosa

UNISAL

Prof. Dr. Edivaldo José Bortoleto

UNIMEP

LEMBRANÇAS

Hora de agradecer. Mais, hora de recordar. Fazer presente o que se encontra em forma de saudade e contínuo aquilo que entre o silêncio e a explosão acompanharam o desassossego de viver em papel.

Lembranças das diletas amigas Renata e Patrícia. As que tiveram a idéia de brincar com letras. Dos amigos Adriano e Ivan, companheiros, lembranças do brincar e de esquecer as letras.

A atenção e a presteza indispensável de Angelise e Elaine, mais o afeto, compreensão e um jeitinho possível das professoras Magui, Inês e Luzia, além, é claro, do confronto salutar e saudoso.

O abraço em teoria e prática dos professores Célio e Edivaldo, a quem talvez tenha engasgado minha superficialidade.

O estímulo e a pilhéria de Ary, Yasser, Getúlio, Sr. H., dona P. e família.

A doçura da pessoa e de seu inevitável café por entre queijos e geléias do muito estimado Zé Maria. E o agradecimento também a brilhante e generosa banca examinadora, Edivaldo e Severino Antonio Moreira Barbosa.

E aquilo que não há modo de esquecer, sempre presente, sempre diante dos meus olhos a imagem da minha família Rita, Anahi e Rodolfo de olhar também. Há outra família também sempre solícita a de Rafaela, esta que por agora dorme, mas de generosa vigília pelo destino e decurso de nossas vidas.

E para que não se desdenhe ainda louvo o rebaixamento da taxa selic, e que assim seja. Baixando... Por fim a minha solidariedade com os bispos Iara Morales Lisboa, Benedito Bicheri, Arlete Eli Coghi e Oldack Chaves (bispo?) e seus sequazes diante da falência da empresa anacrônica de instalar um tribunal do Santo Ofício.

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil”.

HISTÓRIA
DO QUE
PODERIA TER SIDO.
VIEIRA, EDUCAÇÃO E CULTURA

**Sob orientação do PRO-
FESSOR DR. JOSÉ MARIA DE PAIVA**

texto para defesa de mestrado no pro-
grama de pós-graduação em educação.

ESCRITO POR
ARARY LIMA GALVÃO DE OLIVEIRA
da Universidade METODISTA de Pira-
cicaba



Com todas as licenças necessárias.

ANTÓNIO VIEIRA

O céu 'strella o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e à gloria tem,
Imperador da lingua portugueza,
Foi-nos um céu também.

No immenso espaço seu de meditar,
Constellado de fôrma e de visão,
Surge, prenúncio claro do luar,
EI-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do ethéreo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doira as margens do Tejo.
(Fernando Pessoa)

RESUMO

Desejo de Quinto Império. Esperança e drama espreitam os ditos desígnios por Deus desenhado. Portugal pátria da fé demanda histórica. A fé deforma a política, à política dá forma à fé. Empresa de Cristo, Companhia de Jesus. Padre Antonio Vieira firmando o futuro no presente. Grande promessa, grandes percalços no percurso da graça.

Palavras-chave: Vieira, História, Cultura, Educação

ABSTRACT

Desire of Fifth Empire. Hope and drama lurk the bossy designations by God designed . Portugal home of faith, historical demand. Faith deforms politics, politics shapes the faith. Enterprise of Christ, Christ's Company. Father Antonio Vieira setting the future now. Great promise, big mishaps along the way of grace.

Key-words: Vieira, History, Culture, Education

ÍNDICE

Avisos	11
Símbolos ou história e história da história	15
O homem proposto	20
Às voltas	28
Os reis de Vieira	37
Negócios	43
Tempo de milagre	53
História do futuro do pretérito	58
Rios e lágrimas	66
Convencimento	75
Bibliografia	78

AVISOS

Primeiro / Os Castelos

A Europa jaz, posta nos cotovellos:
De Oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabellos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovello esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquelle diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se appoia o rosto.

Fita, com olhar sphyngico e fatal,
O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.
(Fernando Pessoa)

Num dia qualquer, certamente triste, abri o livro mais triste que há em Portugal, Só, o grande livro de Anto¹, e ainda que houvesse lido a sua própria censura em que dizia algo do tipo, não abra o livro se não tens motivo nenhum de pranto! Dia triste, livro triste, poeta triste e a minha impostura teimosa levando a abrir o livro. Maior impostura, imagino, é não poupar o caríssimo leitor desse meu texto, confiança herética, um pouco por cheirar à dúvida muito mais por um convencimento da importância de crer. Essa ilusão racional que me impele contra a parede é a minha heresia, entender ao invés de crer. Um exercício de trombada sobre a razão de crer e o fremir da faina descrente na razão.

Antes houvesse censura ao livro do outro Antônio, o padre Vieira.

Revelo enquanto é tempo, mesmo com risco de parecer sectário ou panfletário, que tremo diante do livro *História do futuro* como se treme em frente a uma epifania. Acima de qualquer classificação crítica o que se segue é um encontro, inadvertido, mas encontro entre a fé e um homem triste. Se for ciência é a paixão do enfermo por quem dele vem cuidar, senão que seja paixão ainda. Por método tenho a confusão, imiscuir-me na paixão que é a forma mais propedêutica à fé que não se encontra. Talvez assim a cada passo esteja o objeto mais afastado da observação, talvez... Mas, em contrapartida, se aproxima, *pari passu*, da última das questões, como pensou Camus em seu livro *O mito de sísifo*, suicidar-se ou não (1989)? Ou ainda Weber retorquindo se a vida vale a pena ser vivida (apud QUINTANEIRO et alii 2007 p109)?

¹ Antônio Nobre, poeta português

A cada palavra parece mais absurdo este raciocínio. Mas, permita-me o exemplo, os críticos identificam na leitura do padre Antônio Vieira uma porção de equívocos apresentadas pelas análises anteriores. Por prudência e ansiedade me apresso a apresentar primeiro meus erros, e se a história, insatisfeita, decidir de que o faça de outra forma. Esta é minha forma de humildade e de arrogância. Por considerar de maneira plana a existência não suponho nem superioridade nem inferioridade entre os autores. E os equívocos? São conseqüências próprias do esforço árduo da luta pela existência de cada um. Difícil é o decidir viver, ainda que se pese a dificuldade da sobrevivência. Se em algum momento é preciso falar sério, este é um deles. Não falo sério! Escrevo, eufemismo de falar, com medo e extravagância e de impulso. Não é sério, isento de dissimulação, porém é sincero na possível realidade interna da dissimulação.

Porque a sinceridade soa ironia advirto que no jogo de linguagem jogo algumas palavras podem jogar de forma diversa. Educação, história, cultura, razão, confusão e mais uma ou outra incidental, atrevidas, tocam abusadas. O uso da linguagem é uma construção prática de uma gente, mas não livra de que um e outro grupo dominem seu significado e isso se chama usucapião. As pessoas da terra podem chamar de grilagem das palavras. Cheguei tarde, sem domínio nem posse abuso. Educação como processo humano, história como processo humano e cultura como processo humano. Confusão é com-fundir, assim explica melhor as anteriores. É que as pensei num processo além da escola, além da igreja, além do palácio e dos concelhos, um processo de

convencimento das coisas que é o mundo, que é a gente. Sobre a razão é mais delicada a conversa, se ora é sinônimo de racionalismo é preciso abusar do significado de faculdade humana. Tudo isto é cultura, e talvez não se assumam nenhum dos significados porque não se tenha o que significar, assim como uma interjeição que seja do corpo ou da alma, ou de onde seja que se esconda o entendimento.

Este texto é encontro, porque viagem. Digressão. Pouco histórico porque presente, pouco crítico porque criativo, pouco profundo porque apegado aos fenômenos e não à essência, exceto se entender por essência a véspera do fenômeno. Procura pela essência enquanto estímulo à ação, não essência do objeto da pesquisa que ora venho apresentar, mas na busca da essência da pesquisa do objeto, ou das formas de convencimento dela.

SÍMBOLOS OU HISTÓRIA E HISTÓRIA DA HISTÓRIA

Segundo/ O Quinto Império

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz-
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grecia, Roma, Cristandade,
Europa- os quatro se vão
Para onde vae toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu Dom Sebastião?
(Fernando Pessoa)

Para um bom início de conversa vamos deixar claro que o tratamento aqui dispensado aos fenômenos é sempre a partir de uma apreciação deles enquanto algo próprio à subjetividade. Procuro demonstrar um conjunto de proposições que não haverão de se firmar como definitivas, mas como suposições e sugestões a fim de possibilitar que um estudo mais acurado e uma reflexão mais profunda possam, por ventura, prosseguir pesquisando.

O que ora venho a chamar história não é mais que uma hipótese de presença e é menos que percepção da presença, que é o ato presente por si. O cuidado intenta que eu não venha, injustamente, arrostar uma postura de revelador ou mensageiro da verdade. O real na humildade, que não é moral por ser a condição necessária, é a percepção, o *estar*, o *ser*, o *é* em sua eternidade instantânea. Na falta de um bom exemplo para lançar mão, de forma mais manifesta digo que os *fatos* são os sujeitos em situação é a realização completa da condição humana na determinação do vago de suas possibilidades. Homem, possibilidade, circunstâncias e escolha. Por ser a possibilidade e a escolha categorias demasiadamente arreadas para o estabelecimento de uma configuração do fato, considero em unidade *possibilidade, circunstâncias e escolha*, em prejuízo de não haver melhores condições de exame, que então se tome por base a fundação da assimilação do mundo enquanto *percepção*, sob a ótica peculiar ao cenário da liberdade de escolha, livre-arbítrio, estas enquanto formulações singulares também, e homem, o ser, por sua qualidade de agir e por condenação a padecer sob o peso das provocações, provações e privações. Pretendendo que o delineamento superficial seguinte não prevarique como manifestação do passado, porque é aqui em que se acorrenta a presente situação.

Equivale ao esforço admitir a invenção de um discurso que torne aceitável ao entendimento uma narrativa, que por atrevimento

são a princípio três, a minha pretensa historiografia, a historiografia, e a *História do Futuro* do padre Antonio Vieira, para não entrar em detalhes das outras incidentais, as quais convêm chamar de bibliografia ou referências. Numa palavra, faço hoje em um diálogo solitário uma projeção do que pode ser a *História do Futuro* presente! Quer como leitura, quer como futuro ou passado latejando o peito e pondo suor nas mãos ou ainda como o ato de projetar mesmo. Voltaire (1978p208) fala que o relato das conquistas portuguesas carece de dados que o ilumine e ilustre. Essa história estranha indica um exprimir parcial. Pobre Voltaire, acha que pode ir falando por aí das conquistas sem que se importe com um lado em especial, e então o que seria da *conquista*? À colônia nunca se impôs um Portugal puro e simples, ainda que Portugal seja, mas além mar, de gentios, do calor e das promessas, das missões. É urgente pensar que não temos condição de erigir uma verdade objetiva. Melhor pensar dentro de nossos limites que são parcos. Não estranhem o termo *nossos* dito a pouco, não mudei a pessoa da narrativa, é que ousou e o uso reputá-lo como universal. A justiça da narrativa deve estabilizar-se sobre um determinado modo de ver e entender a realidade que pesquisa por meio da historiografia num modelo passível de assimilação evidenciando as suas razões e perseguindo as razões que até mesmo esta desconhece. Saudades de Pascal. Não é tomar partido, mas não faz disso algo que invalide a narrativa, e quanto mais sincera a posição, melhor. Quem dirá que a melhor das biografias do Padre Antonio Vieira não é a *Vida do Apostólico* do também jesuíta André de Barros? Há também a implicância mais íntima de cada um que de tão presente não se nota em si e nem à pouca distância crendo numa mal fadada neutralidade... Mas paciência, quão implicante não é o leitor que nem se nota e dedica suas impressões ao autor da mais prosaica das grafias. Deste modo que passei precaver-me do uso da palavra

ideologia, pois se tomada no sentido de que, numa câmara escura, tudo se encontra de cabeça pra baixo por onde encontrarei minha cabeça? Nem kenôsis do céu a terra e nem ascese da terra para o céu como pretende Marx e Engels (MARX e ENGELS 2002p19). Perco-me, resta preferir me perder pelas palavras da pesquisa.

Fernando Pessoa que entendia muito de realidade e se criou aos montes em heterônimos, dos quais nenhum sequer alcançou independência do criador, apresenta no maravilhoso poema *Tabacaria* assinado por Álvaro de Campos os seguintes versos:

Fiz de mim o que não soube
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.(PESSOA 1985p365)

Sempre radical, sempre a pôr em palavra o tremor calado... Imaginemos, caríssimo leitor, o estupor e ira de toda uma gente tirada de sua cadência e tradição por alguém que grita que faz luz lá fora! Se pensar é estar doente dos olhos devo estar doente, mas insatisfeito na ânsia de sofrê-la, quem sabe, em menores doses. Diógenes quando via um cavalo via o cavalo e zombava de Platão e sua imagem *cavalidade*. O cão da filosofia, homem de Sínope e do mundo e da natureza gozava a saúde do saber, quando hoje me perco entre tantos papéis que traçam as mais superiores linhas da definição da realidade abate-me a epidemia do pensar. Bons tempos em que a filosofia servia a teologia, e em que esta, enquanto razão, não pervertia a fé. Contudo não deve ser um equívoco o pensar de Platão. Equívoco é ter de haver filosofia para explicar

critériosamente aquilo que me salta aos olhos e que assalta o coração. Falar pouco para errar menos. Bacon² sugere uma trajetória interessante na superação dos ídolos, mas nada como a estrondosa conclusão de Wittigenstein, “o que não se pode falar deve-se calar” (1968 p129).

1. Conferir REALE, G. & ANTISERI, D. **História da Filosofia**. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo – SP. Ed. Paulus, 2004. Volume 3.

O HOMEM PROPOSTO

Este foi aquelle grande Vieira de quem até aqui escrevemos, digno heroe de outro historiador, e cujas virtudes e façanhas mereciam mais elevada Penna. A cantarem-se suas proezas e a números atados, nem os Homeros gregos, nem os Virgílios latinos tinham estro digno de tão heróico assumpto.(...)

Mágoa é que não pudésemos com as occupações ordinárias da religião (a que não se nos permittiu dispensa) applicar-nos a este só trabalho, quando o sangue estava mais vivo e a memória mais prompta. (...)
(Padre André de Barros)

O primeiro biógrafo de Vieira, Padre André de Barros, diz de início, “Proponho ao mundo um dos maiores homens de Portugal, e proponho a Portugal o maior homem que em muitas idades elle deu ao mundo”(Barros 1858 p1).Proposta em coro.

Em Lisboa nascia aos 6 de fevereiro de 1608 Antonio Vieira, oriundo de família de modesta burguesia há quem aponte como o padre André de Barros para a nobreza da família deste. Se bem que se deva considerar a nobreza atribuída à família de Vieira pelo seu primeiro biógrafo possa ser uma espécie de decorrência da nobreza deste. Já foi bem ponderado, inclusive, por Serafim Leite que André de Barros com seu estilo profuso encômios tende à sobrenaturalização de ações simples, enquanto em João Lúcio de Azevedo a ambição, cálculo e política são definições que mereciam explicação mais exata e meticulosa (LEITE 1943 pVII).

Aos 15 anos ingressa no noviciado da Companhia de Jesus, desperto por uma prédica. É acolhido no colégio de qual já era aluno de capacidade reconhecida acima da média. Uma inteligência que provocada pela dialética capciosa dos debates travados nunca se descola da teologia tendo, finalmente, a filosofia, as ciências, a retórica enquanto *ancilla* daquela. De modo que a livre especulação não só não era cerceada como também excitada, dado que mais do que a teologia o que plasmava a vivência era a fé a ponto de constatar o estalo dessa inteligência como a concessão a um pedido em oração a Virgem das Maravilhas (BARROS 1858 p5).

“*Diabo! não ser mais tempo de milagre!*” Recordo-me deste verso do poeta paraibano Augusto dos Anjos, que não tem nada a ver com o jesuíta e que por isso assim versou. Parece-me justo considerar que o tempo de Vieira foi sim de milagre, ou melhor, tempo de providência, tempo de Deus pôr a mão em tudo e quando esta falta como no caso da invasão holandesa e marcha a cidade de Salvador há de ser castigo de Deus, punindo os portugueses por

seus pecados, permitindo a calamidade da peleja ante a herética, colérica e diabólica nação.

Mas pois Vós, Senhor, o quereis e ordenais assim, fazei o que fordes servido. Entregai aos Holandeses o Brasil, entregai-lhe as Índias, entregai-lhe [...] quanto temos e possuímos (como já lhes entregaste tanta parte); ponde em suas mãos o mundo, e a nós, aos Portugueses e Espanhóis, deixai-nos, repudiái-nos, desfazei-nos, acabai-nos! Mas só digo e lembro a Vossa Majestade, Senhor, que estes mesmos que agora desfavoreceis e lançais de Vós, pode ser que os queirais algum dia e que os não tenhais. [...] Abrasai, destruí, consumi-nos a todos, mas pode ser que algum dia queirais Espanhóis e Portugueses e que os não acheis. Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiem nas terras dos bárbaros a doutrina católica e a reguem com o próprio sangue; Holanda defenderá a verdade de vossos sacramentos e a autoridade da Igreja Romana; Holanda edificará templos, Holanda levantará altares, Holanda consagrará sacerdotes e oferecerá o sacrifício de vosso santíssimo Corpo; Holanda, enfim, vos servirá e venerará tão religiosamente como em Amesterdão, Medelburgo e Flissinga e em todas as outras colónias daquele frio e alagado inferno se está fazendo todos os dias?!(VIEIRA apud BESSELER 1981 p14)

Parece que Deus cedeu à força esmagadora desses argumentos: Salvador não caiu nas mãos dos Holandeses. (BESSELER 1981 p14)

Esta forma de percepção das coisas não se referia apenas a uma caracterização de um aspecto religioso da identidade portuguesa, porque a prática religiosa não se dá em separado nem determinada em certos ambientes e espaços, o discurso de tom religioso era a forma aceita, não aceita como parte de um processo distanciado racional, crítico e analítico, mas aceito por ser via de assimilação do real, de explicá-lo e, sobretudo, de levar a compreender a condição em que se encontra o mundo e o homem. Há aqui uma polêmica qual rei para o desejo de rei de Vieira, porque de modo que Vieira discursa ainda na Bahia cheio de esperanças à chegada do marquês de Montalvão, Vice-Rei do Brasil, enviado pela dinastia dos Habsburgos, aquele mesmo que tempo depois o envia em companhia do filho para, em excursão a Portugal, aderir à aclamação de um novo rei. Contudo Vieira não troca de imperador como quem troca de roupa, e a respeito disso quando acusado de

muito mudar a roupa reitera preferir a roupeta da companhia a que lhe possam oferecer. Para além do vice-rei que chegava às terras do Brasil a aclamação de Dom João IV rei apontava para um Portugal em processo de remissão dos próprios pecados e estaria pronto para a liderança de um novo tempo, sendo o rei importante por ser rei de Portugal e não Portugal venturoso pela fortuna de seu rei.

Premido pela dialética do merecimento e da fé o homem de ação que o jesuíta Vieira é, pode ser primariamente delineado pelo fato de ser realizada a escolha não pela própria salvação, mas pelo processo que caracterizava a consideração de uma igreja militante, de um sacerdote missionário, Ivan Lins (1962 p27) passa por essa reflexão, tratando que Santo Inácio e São Paulo postularam que prefeririam estar eternamente separados de Cristo conquanto seus irmãos fossem salvos.

Enquanto isso, em Portugal, não há demora para que D. João IV se afeição ao missionário vindo de além mar. Amizade tão forte que em 1649 quando Vieira já com grande gama de inimigos, questionado por sua atuação política, pelas viagens e por usar trajes seculares, tem por El-Rei oferecida uma mitra, que de imediato é recusada, convencido que não haveria nada no mundo que ele mais quisesse que militar na Companhia e que se não mais aceito como um de seus padres iria se dedicar à servi-la. Porque por mais que os novos tempos tragam a idéia da separação da política, da moral e da religião o sentimento era de unidade, tanto que as referências tomadas para o desenvolver do pensar sebastianista são todas elas místicas, São Frei Gil, São Bernardo, Daniel e o sapateiro profeta de Trancoso Bandarra que transitava pela Bíblia assim como pelo seu sonho de monarquia.

Na medida em que a relação do padre Vieira com o rei se intensificava mais a luta pelo estabelecimento político de Portugal

se intensificava. O processo de restauração e as dificuldades inerentes, a afirmação e reconhecimento político, o confronto com Espanha, a ameaça holandesa à colônia e o dispêndio análogo apontavam para as necessidades a que o Padre Antônio Vieira, homem de confiança do rei ia buscar solução. No seu desempenho como pregador régio, sermonário, de maneira geral era a forma mais eficaz de expressão pública, o meio de comunicação de maior alcance, ao passo que a ânsia pela estabilidade política, isto é ânsia por um determinado reino, se desdobrava no ideal milenarista do Quinto Império. Ideal que pautado em uma segurança que raramente era questionada, uma segurança que se constituía do sentimento convicto de como se deveria ser, distintamente religioso, Firmeza voltada para a realização do reino de Deus na terra.

Kierkegaard coloca a questão de que se Deus é a absoluta verdade e virtude seguir suas ordens não pode ser nada se não o correto e isto não seria o ético por estar de acordo com a ordem estabelecida por Deus? Deus que em última análise é o *Cosmos*? Pois, Deus exigindo de Abraão o sacrifício de Isaac estaria exigindo algo que a ética e a moral condenariam. Não?

Pensando a partir daquilo que sugere Max Stirner (2009 p120), que os jesuítas tornaram célebre o lema de que “os fins santificam os meios” sou obrigado a entender que a santificação não pode ocorrer senão estando de acordo com algo imaculável, isto é, com algo que emane graça, no caso a Igreja, e o meio não pode ser santo por si, mas apenas em relação à Igreja, ou melhor, em relação a vibração da fé como era entendida através da sua instituição. A boa árvore se conhece pelos frutos. Os judeus que viviam pela Europa, expulsos de Portugal, acabavam por financiar o desenvolvimento dos países heréticos, por que não financiar o desempenho de um rei católico? Assim argumentava Vieira pelo retorno dos judeus a Portugal, como uma maneira de subsidiar a

realização do grande projeto de Quinto Império. O mesmo intento conduziu Vieira em toda a sua vida, as missões diplomáticas e as missões na colônia não se prestavam a outro fim senão o de cristianizar o mundo. Talvez o tenha abalado o fim triste dos seus desígnios políticos, talvez julgasse o seu trabalho na metrópole de maior monta para partilhar do desafio e contribuir com maior eficácia a composição do Quinto Império, talvez. Seguro, contanto, é apenas que conscientemente e com o mesmo afinco se dedicou a qualquer uma das suas diversas frentes de atuação, com fé, com o sentimento cristão do qual partilhava um povo, e que nele, padre Vieira, é Portugal.

Esse desdobrar da fé que ecoa pelas gentes, este sentimento que Pessoa descreve em *Bandarra* (1985 p86) e que poderia sem nenhum prejuízo descrever Vieira no verso, “coração que não é português mas Portugal”. Sugiro uma apreciação da natureza do pulsar que é católico e português, imperial, temporal, ardente de desejo do eterno como uma consideração política. Isto é, que o tecido de razões que vela a dispersão da realidade e a veste e conforma de uma maneira particular e assim sendo compreensível para aquele que é partícipe e que ademais ofereça um sistema de respostas palatáveis às questões cotidianas. Enquadrado isso é o conceito *ideologia*, ou que então por contraste se tome por *utopia*, sendo esta o imaginário que se antepõe, e no seu cerne não concentre o conjunto de possibilidades pré-determinadas, moduladas pela aceitação da realidade, mas que aponte para aquilo que poderia ser e não é. Entretanto não é o mais apropriado, porque se a ideologia se funda numa consciência determinada pelo meio, a pulsão do padre Vieira aponta para aquilo que rompe com o que está constituído, que se coloca como bem comum acima das questões temporais. E por outro lado também não pode ser utopia, pois não se trata de um tempo e lugar inexistente, o tempo do

Quinto Império está iminente e a localização dele está definida, pelo mundo todo, com Portugal no coração, de maneira que, se necessário, considerar o elegante ideal com alguma definição acessória é mais sensato defini-lo como reino da esperança. Digo esperança porque é um sentimento que não coaduna com o otimismo ou seu outro lado o pessimismo. Estes dois encontram na projeção da vida motivos para reconhecer a ventura ou dor como própria do destino humano, e apenas aí se reconhecerem como integrante do sintoma generalizado. Não quero relegar à esperança uma caracterização com quê de impulso, gratuito, mas o contrário. Por mais que haja argumentação racional para a evidência do império esperado este se funda na fé, nas referências que são estabelecidas pela fé. O império do esperado ou da esperança analisado historicamente consiste na superação pela fé, naquilo que há algum tempo é chamado absurdo, salto mortal desde Kierkegaard, mas para aquele que ainda não bebeu da racionalidade em tão largos tragos, é apenas o despeito as probabilidades matemáticas, é o aguardar a intervenção de Deus.

Em que se encontre cheio de tortuosidade esse caminho de relação entre o filósofo dinamarquês e Vieira, algumas ponderações já podem ser feitas. Primeiro Kierkegaard trata de um cristianismo como alternativa do indivíduo, mas não do indivíduo em detrimento a sociedade, mas como um homem que no século XIX, no período glorioso do regime burguês se encontra a sós e vê na cristandade apenas um modelo burocrático e ideológico. A fé para o padre Vieira é de conversão pessoal, mas é fé experienciada de outra forma, a fé não tem *status* de absurdo no século XVII, como para o Kierkegaard, por exemplo. É fundamento a fé, sendo até mesmo a razão condicionada a ela. A razão também é *ancilla* da fé. Luis Palacin tece algumas considerações interessantes sobre a relação do pensamento moderno com as formulações de Vieira. A que

destaco é a consideração sobre a visão trágica, em que assenta em Vieira não apenas uma consideração de classe como ele diz que Goldmann demonstra em Racine, Pascal e Kant, mas um modelo complexo que conta com o desenvolvimento da burguesia, a concentração de poder no estado e a certeza inabalável de Vieira que servir a Deus e ao Rei não eram duas coisas diferentes, nem associadas, mas a mesma coisa. Seria necessário um estudo melhor, mas por enquanto noto aí a presença do barroco, o sentimento de impossibilidade de realização da vida a contento. Um contraste que não se trata de maneira alguma de imposições de forças contrárias exógenas, externas, mas de uma discordância interna. Bem assim como Kierkegaard define o desespero:

“O desespero é a discordância interna numa síntese cuja relação diz respeito a si própria. Mas a síntese não é a discordância, é apenas a sua possibilidade, ou então implica-a. De contrário não haveria sombra de desespero”
(KIERKEGAARD 1979 p322)

Daí surgem algumas pistas interessantes para continuar a pesquisa, por acaso Adolfo Casais Monteiro, companheiro de Fernando Pessoa, da geração seguinte de literatos é o primeiro tradutor do “*Desespero Humano*” para o português, e Pessoa que afirma Vieira como Imperador da língua portuguesa em mensagem (1985 p86), no seu semi-heterônimo, quase-eu Bernardo Soares, afirma sua pátria ser a sua língua, afora outras referências que faz a leitura de Vieira.

“A glória de Deus é encobrir as coisas, e a glória dos reis é investigá-las” (Provérbios 25,2). Uma concepção de história como a ciência do homem num instante, no infinito minúsculo de realizar escolhas, na tensão da liberdade como possibilidade e o desespero como a por termo no possível, pretende ser a narrativa da pesquisa. Talvez não acompanhada de um Vieira trágico, possivelmente dramático, por que para ele Deus é vivo e não absurdo, a fé não é salto no escuro e sim sacrifício à luz do dia.

ÀS VOLTAS

O Bandarra é verdadeiro profeta; o Bandarra profetizou que El-Rei D. João o quarto há de obrar muitas cousas que ainda não obrou, nem pode obrar senão ressuscitando: logo, El-Rei D. João o quarto há-de ressuscitar.

(Antonio Vieira)

Não tenho a menor intenção de elaborar, inspirar, ou lidar de forma mais ou menos próxima com a psicanálise, nesta área não tenho conhecimento suficiente sequer para seguir em uma especulação análoga, conquanto inquiete-me algumas das falas de Freud, como por exemplo, no texto *O mal estar na civilização* afirma que “a vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis” (Freud 2012 p3). Diante da triste constatação do cientista de Viena tremo, hesito e insisto nessa idéia lúgubre. E nem preciso imaginar porque também me sinto às voltas, enredado aos problemas, medos, angústias e desejos, quando e onde a ação de não ter ação nenhuma estremece num sentimento de urgência ante as circunstâncias fortuitas, apelando àquela velha questão, *que fazer?* No mesmo texto, Freud conta que em uma missiva um amigo lhe adverte por apesar de não censurar sua consideração da religião enquanto ilusão, Freud não trata de um sentimento peculiar que remete a certa experiência de eternidade, de ilimitado despejando por sobre o sujeito em sentimento ou em percepção intelectual o testemunho de como não há por onde pular “para fora deste mundo”. Conformam mundo e sujeito em algo uno (Freud 2012 p1).

Feitas as considerações anteriores não encontro mais o que falar de Freud que case com as minhas digressões. Talvez por minha falta, talvez porque na miríade dos caminhos nos despedimos, embora ainda não tenha por certo que eu possa falar em acaso. Insistindo na condição de estar *às voltas*, considero que embora o sujeito passando de um lado ao outro, tenso, procurando na imaginação meios a seguir, procurando na moral uma causa para ação devida, eu, definitivamente, me resguardo de tomar por *acaso* qualquer que seja a resolução. Mesmo que ainda conte com um indisfarçável titubeio não vejo modo de dizer que não se trate de escolha, mesmo que eu não possa antecipar as reações do próximo,

não encontro justeza em afirmá-la como indeterminada, como fruto da nebulosa sorte.

As minhas distantes lembranças das aulas de geometria vêm me sugerir a clareza e distinção das idéias cartesianas. Curioso o seu modo de rejeitar aquilo em que há a possibilidade de erro ou engano, só por contar com possibilidade! Penso na figura do homem matutando solução, pela noite indo de um lado para o outro, vaivém como eufemismo de não saber pra onde ir. Indecisão de sentido, imprecisão. Provavelmente todo conceito deva ser um bocado impreciso de modo a não ser reducionista, como o princípio de identidade. Afinal podemos concluir a partir das formulações bem redondas de Parmênides de Eléia que está implícita a condição da existência do múltiplo na unidade, afinal o não ser deve ser entendido como nada, impossível, inexistente o que de fato não inibe a realidade de oposições e multiplicidades no âmago do Ser. Se Descartes opta pela clareza e distinção da geometria por base da sua teoria do conhecimento, suponho estar eu persuadido a não considerar o ser como algo que traga em seu bojo tanta certeza quanto as encontradas pelo famoso filósofo da questão do método. Homem que excita e hesita, possibilidade.

Sinto uma instigação sem igual para dizer que essa idéia de homem por predicação seja como for porque pensa ou porque tem vontade como diz Nietzsche (NIETZSCHE, 2003 p22) não seria uma indução forçada, não é mais apropriado aceitar a idéia do *ser* enquanto o próprio pensar ou a própria vontade, ou ainda os dois e tudo aquilo que é agir?

Esse papo enviesado, cheio de ângulos e pontos soa estranha mistura de método, desenho, ontologia e ação. Reclama apenas uma definição de condição, da qual para mim é ponto de partida para a reflexão e para o direcionamento e por esta razão método que é a questão da liberdade. No elenco arbitrário de filosofias que

reúno, com grande presença de existencialistas, gostaria agora de recorrer ao José Lima Jr. (2001) e seu glossário, onde pela palavra in-cruzi-ve diz “visão que inclui o signo da morte, perspectiva que surge no cruzamento dentre outras visões. Na oposição de um ver interior, toda uma condição exterior”, quero, pra mim, dizer in-cruzi-ve para as afirmações perpendiculares, em forma de cruz, que atravessam o sujeito como experiência, e não consideraria nunca experiência de outra maneira, e sinceramente espero não desagradar quem forjou o termo.

O padre Antonio Vieira que, arredondando, viveu quase noventa anos, ocasião da visão do ângulo reto, ocaso da vista, um império atravessado por Cristo, homens atravessados pela fé, nascendo na pequena área de Portugal, morrendo na grande esfera do mundo, construindo o futuro assim pelo trespassamento.

Para isto, guardando as devidas proporções do enquadramento português cristão do padre Vieira, a Companhia de Jesus de modo geral vivenciava a incidência perpendicular. Para insistir um tanto no xis da questão vou tomar somente um exemplo, o código pedagógico *Ratio Studiorum*, que se apresenta como instrumento para realização de seu propósito não só da salvação e perfeição da alma própria, mas o levar à frente campanha de salvação do semelhante (Conferir PAIVA, 1981), de tal modo que educação, ação, fé e, por que não, sacramento não sejam nada menos do que diagonais da realização da vontade divina. A metodologia pedagógica da Companhia de Jesus, mais do que documento de orientação de uma atividade prática, por onde espio, é o indício fundamental do convencimento de que estavam vivendo o esforço para a realização da expiação à medida do querer de Deus.

E por falar em sacramento, preciso andar a falar do livro *O teatro do sacramento* de Alcir Pécora em que encontro inúmeros

motivos para dizer ser ele exatamente o que queria escrever. Exatamente nada é, no entanto são tantas linhas ali apresentadas sobre o Padre Vieira o trazendo humano, como faço gosto em tentar conhecê-lo, ou como sujeito de fé que é para além do humano, ou ao menos pretendente de ser de tal modo que até aquilo que não entendo bem, não conheço e não concebo passa despercebido e também às vezes passo eu mesmo.

Há que se pesar a vastidão da obra do Padre Antonio Vieira, ainda que menos evidente por seu trabalho de reescrita dos textos durante seus últimos anos de vida. E como Pécora se ampara em Hansen (apud PÉCORA 1994 p40), me amparo nos dois para falar do “passado como ficção do presente”, não na forma *pseudos*, mas como elaboração a partir do ponto de vista de um sujeito concreto. Li um trabalho sobre Luciano de Samósata que parte do princípio que a história não pode ser o encômio nem *pseudos*, deve forcejar-se real, ainda que não alcance, com a intenção de demonstrar pela alteridade e identidade o discernimento (Conferir BRANDÃO 2001 p27). Tenho por boa idéia procurar o discernimento, a projeção etérea de uma imagem mais ajeitada, com menos discrepâncias. Tudo isto está no observador, o que me sugere que mesmo buscando amparo ainda tenho de me responsabilizar. Com o cuidado de me apresentar progressivamente vou falar de que me ocorreu pelas noites que rodeei o *Teatro do Sacramento*.

O livro elabora um trabalho muito mais amplo e profundo que o meu. Não cuido da obra toda do Vieira, não tenho pretensão nem a esperança de levantar os signos e interpretá-los e muito menos revelá-los. Cuido de uma leitura da “História do Futuro” muito própria, não porque eu a julgue inovadora, revolucionária ou qualquer coisa que equivalha e sim por se tratar quase de uma leitura de mim mesmo através daquilo que me falta, a fé. E ainda que eu não trate do discurso vieiriano por completo quero resgatar

antes que tarde demais a tese de não independência da história, sendo-a consequência direta da teologia. Quando noto que me atrapalho e vejo que a afirmação de Alcir Pécora (1994p41) trata da dependência da retórica e não da história... Já que a confusão está feita, contemos, então, com estes dois postulados o que seria a história sem a animação de Deus. Bom seria também confundir teologia com fé, pois embora em diferentes setores da sociedade se elaborem discursos particulares existe um quê em comum, a certeza de que no fundo algo faz real a possibilidade de ser. Por isso impossível tomar o texto do Padre Vieira pela curva da estética, as tensões são a respeito da condição humana e não de um manual de redação. Tensão gerada entre a vontade de Deus e o homem a ser seduzido pelo pecado. O *logos* então consiste em se impregnar do divino, olhar junto ao olhar de Deus, se revelar pela sua condição última de existência, a graça de Deus.

Os portugueses, sobretudo, despontam, aos olhos do Padre jesuíta como os artífices da vontade divina, numa concepção de história providencialista (PÉCORA 1994p53), a todo instante rogando a Deus pelo destino do homem e pela piedade que instaure a harmonia na sociedade estes seriam os instrumentos para a efetivação do reino do cristão por excelência, com todo o rigor e amor do termo. Em se tratando de história não seria outra a conclusão a se chegar senão, ainda nas pegadas de Alcir Pécora (1994 p59), digerir os sermões em sua retórica, estética, estilo e engenho como a metáfora do Século XVII português.... Dispostos para a realização plena do cristianismo.

Tomando por base a conjectura de que toda ação do Padre, como imagino também a dos jesuítas em geral, se justifica ou se santifica pela eficácia, na perspectiva prática muito peculiar de se aplicar somente à eficácia da propagação pétrea da figura da fé, que o nosso Vieira se apresenta, ele mesmo, uno para nós. Assim

entendo que seja para Pécora quanto para mim. João Lúcio de Azevedo em sua biografia de Vieira, a mais famosa das biografias sobre o jesuíta, salienta, em sua formação de capítulos, perspectivas fragmentárias por consequência da ênfase que procurou dar a um e outro aspecto de sua atividade. Por outro lado, procuro entender que quanto mais diverso o sermão, quanto mais diversa a prática, na corte ou na colônia, entre cristãos, judeus, gentios e protestantes, pelas várias nações e reinos só há uma unidade vibrante e cálida em seu jeito de ser, o desafio de tornar-se cristão. Desafio tão presente que quando discursa, projeta, exprimi e finge as atribulações e percalços pelos quais de fato se defronta e reconhecendo-se a si mesmo e também aos ouvintes (SARAIVA in PÉCORA 1994p72 nota 4) assim como disse o outro português, “O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor./ A dor que deveras sente”(PESSOA, 1985p164). Para continuar com o poema de Pessoa, temos na seguinte estrofe a descrição do reconhecimento do leitor na dor, “E os que lêem o que escreve,/ Na dor lida sentem bem,/ Não as duas que ele teve,/ Mas só a que eles não têm” (idem). Essa empatia, esse estar concomitante, que não precisa ser o mesmo, mas ser junto dá à inferência de uma espécie de humanismo do Padre Antonio Vieira que reside na formulação aristotélica tomista do ato de criação, da dignidade da criatura homem, da emanção da graça e da vibração de Deus nos homens. Os jesuítas e os dominicanos cada qual de seu ponto, a linha de frente da segunda escolástica, que dá maior destaque a *voluntas*, e que dispõe a fé em discurso teológico, não sendo gratuita a definição pedagógica jesuíta no *Ratio Studiorum*, com práticas que visavam despontar nos estudantes as suas maiores habilidade e virtudes através da dedicação ao estudo e do confronto dialógico, oferecendo uma ampla formação clássica e humanística, com a leitura de autores pagãos inclusive, dando

espaço até para o elegante Hernani Cidade (1985 p10) sugerir a grande liberdade de Vieira como consolo a preocupação dos seus pais reticentes com o noviciado. Distraído, Cidade, da característica convexa da Companhia de Jesus visar essa formação.

Afinal, tratamos de vida prática, *activa*, e que seria se não se debater sobre a liberdade e suas implicações, que só não as nomeio vinculadas ao cristianismo porque este é tomado por verdade e condição da realidade. De qualquer modo a igreja militante, as missões, a catequese e a política são, bem ou mal, os passos inevitáveis adiante de um cristão militante, ativo e altivo, resoluto que não concebe a salvação no desejo por Deus senão com a sua ação intrínseca. Essa é a cor inaciana do cristianismo em que a graça nunca se coloca por sobre o livre-arbítrio, dependendo não só dá propensão de Deus para salvação, mas fazê-la real através da impregnação de Sua imagem no homem (PÉCORA 1994p79). Com efeito, o amor e a vontade credenciam pela sua prática o sujeito a ir ter com Deus.

Nesta conversa tão teológica não se pode deixar de lado um importante entendimento a *unio mystica* sobre a qual tanto versa o Padre. E para erigir uma imagem peço licença a recorrer ao filósofo dinamarquês Kierkegaard, que também foi homem de ação e cristão. Ainda que não se trate de afirmar que Vieira seja existencialista, ou que o indivíduo de Copenhague partilhe da mesma percepção de mundo do jesuíta, lanço mão desse apelo por estarem os dois vinculados ao meu modo de ver o mundo. Recorro as mais diversas formas para digerir o nosso estar no mundo.

Encontra-se, como é sabido, uma notável doutrina sobre o dever absoluto para com Deus no Evangelho de S. Lucas (14, 26): se alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs e até sua própria vida, não pode ser meu discípulo. Esta frase é violenta; quem a poderia escutar? Por isso muito raramente ouvida. Esse silêncio não passa, todavia, de um vão subterfúgio. Porque o estudante em teologia aprende que aquelas palavras se encontram no Novo Testamento e acha em

qualquer manual de exegese que misein nesta passagem e em algumas outras significa, por atenuação: minus diligo, posthabeo, non colo, nihil facio. O contexto, no entanto, não me parece apoiar a elegante interpretação. Porque, num versículo mais adiante, se acha a história do homem que, querendo construir uma torre, começa por calcular a despesa com medo de se ter enganado. A estreita relação desta parábola com o versículo citado parece significar que os termos devem ser tomados em todo o seu terrível rigor, para que cada um prove por si mesmo se é capaz de erigir essa torre. (KIERKEGAARD, 1979 p233)

Pela leitura do “Teatro do Sacramento” aí vou me encontrando para afirmar que os exemplos de mártires e místicos para o Vieira surgem e são dispostos como exemplos para afirmar a radicalidade de ser cristão, de se aniquilar e se dissolver em Cristo. Um discurso arguto que denota uma racionalidade a serviço do mistério, do inconcebível que é a deificação. Qual maior fineza para se oferecer à criatura que ela ser no criador? Coincidir na existência, coincidência identificada com a instituição do cristianismo, da igreja, tornando a vivência do sacramento a unção e a glória de Deus.

Para encerrar este discurso, vou voltar a dois postulados, primeiro a dialética aqui experimentada como tensão, possibilidade, e o que mais seria o homem? E em segundo lugar as figuras, afinal no famoso Sermão da Sexagémia (VIEIRA 2006 p79, 82) não é a tônica pregar como quem semeia e não como quem ladrilha? Na ordem como as estrelas não como os azulejos, muito clara e distinta a pregação. Adjetivos que me lembram Descartes de volta. Às voltas um homem sem fé. Com fé, assunto para mais tarde.

OS REIS DE VIEIRA

Quando se soube em Madrid do rei que tinham aclamado os Portugueses no primeiro de Dezembro do ano de 640, chamavam-lhe por zombaria rei de um Inverno, parecendo-lhes aos senhores Castelhanos, que não duraria a fantasia do nome mais que até a primeira Primavera, em que a fama só de suas armas nos conquistasse. Mas são já passados vinte e cinco Invernos, em que inundações do Bétis e Guadiana não afogaram a Portugal, e vinte e quatro Primaveras, em que sabem muito bem os campos de uma e outra parte o sangue de que mais vezes ficaram matizados.

(Antonio Vieira)

Contava-se há muito tempo com um rei desejado, um povo, um corpo e a fé. D. Sebastião. Deu-se que por fim sumiu, Portugal foi tomado e foi tratar de tomar. Quando da casa de Bragança se ergue à décima sexta geração de rei depois de D. Afonso Henriques, ao dia primeiro de dezembro de 1640 e sessenta anos após a sujeição à coroa de Espanha, eco das profecias.

Contava-se com um rei sobremodo por ser este a cabeça do corpo que se concretizava nas relações em que havia por entre as pessoas do reino e em especial na relação desta com o rei. Esta cabeça é síntese e não departamento racional, embora cuidasse de governar e prover, não o era feito por usurpação da liberdade, termo tão marcado pelo iluminismo, mas por convergir e convir que era através do rei que se instituía e constituía a política.

Portugal, (MATTOSO. 1998 p19) sobretudo, católico, *respublica christiana*, mais hispânico que europeu, mais ainda minhoto ou beirão, de gente vassala de um rei ou de um senhor eclesiástico experimenta no séculos XVI e XVII a vivência de um processo político de abandono do campo, enfatizando um modelo de relações sociais marcadamente mercantil, ao que na busca de conquistas, rotas e comércio, denota na sociedade uma transformação nos costumes que apontam para uma apreciação moral e para os pecados públicos e também para a noção de um mau governo que além de não dar conta da justiça não estabelece uma ordem civil, implicando em rebelião contra o governo de Espanha, qual Portugal era integrante.

Porque com a morte de Dom Henrique, cardeal e tio-avô herdeiro do trono de Dom Sebastião, sucede ao poder Filipe I de Portugal (II da Espanha) neto pelo lado materno de Dom Manuel I. Filipe I jura o Estatuto de Tomar que garante a autonomia política e jurídica de Portugal o que proporcionou uma aceitação razoavelmente tranqüila por parte da gente portuguesa. E quatro

décadas após a integração à monarquia dos Habsburgo, grande já era a integração cultural, política e institucional que se desenrolava ao natural pela convivência pacífica e pelas garantias do Estatuto de Tomar. Quando Filipe III de Portugal ascende ao trono e consigo traz uma série de mudanças, o conde-duque de Olivares, D. Gaspar de Guzmán liderando uma reforma política, fiscal e institucional, centralizadora. Abalada a sobrevivência do Portugal dos Áustrias. O projeto conduzido por Olivares consistia em agraciar setores nobiliárquicos e estruturar a unificação das posses e dos poderes dos Áustria, pressionado pela Guerra dos 30 anos. Portugal nunca perdeu por completo sua autonomia, mas sua elite nobiliárquica viu-se acuada pela política fiscal de Olivares e pouco a pouco cresceu a insatisfação que não tinha origem em um sentimento simplesmente nacionalista, mas que encontrava neste, no sebastianismo e no discurso religioso síntese para sua insatisfação e revolta.

Momento em que a Casa Ducal de Bragança que além de ser a mais rica contava com o carisma de D. João IV, forja por entre as fragilidades da elite revoltosa, o seu líder a fim de consolidar a Restauração de Portugal. Que ainda assim enfrenta enormes dificuldades levando o reinado de D. João IV a instaurar uma política fiscal semelhante a desempenhada pelo Conde Duque de Olivares no período de Filipe III. Causando revoltas e até mesmo colocando o Duque de Bragança por vezes a duvidar do êxito dos revoltosos. Seu reinado, em detrimento à propaganda ufanista e nacionalista se caracterizou por grandes problemas conseqüentes da crise econômica potencializada pelo enfrentamento aos Habsburgos.

Estas considerações breves e superficiais são inferências introdutórias, um pequeno esboço da composição plástica da política do período em que o Padre Antonio Vieira ascende aos círculos reais e se torna orador da Capela Real e conselheiro de D.

João IV. A procura se põe então por construir a narrativa como uma perspectiva das possibilidades do padre Antonio Vieira. Defender a “abolição dos confiscos dos bens dos judeus, a entrega de Pernambuco, a criação das Companhias” (CIDADE 1985 p46) tendo sempre por finalidade o Quinto Império.

Ainda no reinado de D. João IV apesar do apoio dispensado pelo rei a Vieira, este irá experimentar grandes decepções. As dificuldades que se encontravam para a consolidação da restauração, as conseqüentes missões diplomáticas que ousavam procurar a união da península com a capital estabelecida em Lisboa e os seus projetos e promessas aproximavam uma ampla gama de desafetos e inimigos, enquanto se descobria tolhido da confiança política real. Parte Vieira para o Brasil em busca da realização por meio das missões.

Regressa ao Brasil, e díspares são as considerações acerca disto, em que ora consideram assim ação de homem humilde e caridoso, ora há quem diga que seja por capricho ou veleidade. Quero crer que nem uma coisa, nem outra. Não se tratando aqui de um processo em que se deva elencar dados e opiniões contrárias para se adotar a forma mais palatável ao nosso convencimento por meio do contraste, suponho ser, um complexo de formas e tensões em que a dor da decepção, a moral, a religiosidade e a política, não excluindo umas às outras, em disputa por ser causa decisiva de uma ação humana, mas que a escolha seja de uma decorrência da totalidade da vida, e as tensões sintomas que propiciam meras formulações racionalizadas destas. Vieira nem fica na Europa nem volta ao Brasil, somente segue seu escopo, em outro campo de atuação.

E quando morria em Portugal D. João IV no ano de 1656 seguia-se até à aclamação de seu filho D. Afonso VI em 1661 sob a

regência da Rainha D. Luisa de Gusmão quando incitado pelo conde de Castelo Melhor o herdeiro assume a regência.

Durante o governo de Afonso VI evoluíram alguns dos conflitos presentes na sociedade portuguesa e que se encontravam inclusive por entre quem integrava a elite nobiliárquica, como, por exemplo, a disputa por um modelo de governo mais autocrático à maneira que Castelo Melhor articula e um governo de visão jurídica, isto é, um governo que respeite os procedimentos de consulta aos vários corpos do reino. No período de governo de D. Afonso VI e Castelo Melhor Portugal em sua política alcança alguns êxitos, em destaque o Casamento em 1666 Maria Francisca de Sabóia, consolidando o apoio da França a restauração de um governo próprio português. Mas pouco tempo depois, a então rainha D. Maria Francisca passa a integrar o movimento que irá conduzir o governo à regência de D. Pedro II, Castelo Melhor cai em desgraça por ter estabelecido um governo centralizador por demais e autoritário e parte para o exílio.

A regência e reinado de D. Pedro II se caracterizaram pelo parcial restabelecimento das cortes, da visão jurídica de um governo de consulta as suas várias instâncias. Parcial porque nunca se voltou por completo ao modelo ancestral. E sobremaneira o governo se concentrou na política voltada para a colônia, um governo mercantil, que mais ou menos estabelecida a paz e as relações diplomáticas na Europa se volta para o Atlântico e seus negócios.

Não se pode considerar que a vida do Padre Antonio Vieira se divida pura e simplesmente em fases distintas de existência determinada pelos estádios do seu relacionamento com a coroa, em que o Governo de D. João IV classificado no epitáfio que compôs como para o rei “foi o bastante, para os inimigos excessivo, para nós pouco” (CIDADE 1985 p149) e os governos de Afonso VI em que sofre com os tribunais da Inquisição e o desprestígio político e o de D. Pedro II em que, embora restabelecida em parte seu

prestígio, não garante e patrocina sua ação efetiva como no tempo do reinado de D. João IV. O amparo ou desamparo real, a viagem a Roma, a recomendação do Papa que o isenta da jurisdição da Inquisição alinham o desenrolar da teimosia de Vieira. A teimosia de lutar pelo desenvolvimento de um império não apenas português, mas acima de tudo Cristão e unisse o temporal e espiritual (id. p45).

NEGÓCIOS

Santo Agostinho também teve a mesma opinião de Lactâncio, posto que lhe não contentaram os seus fundamentos, os quais impugna no livro das suas Categorias; mas no liv. XVI De Civitate Dei, resolve que se não deve crer que há antípodas, com palavras de tanta segurança como as seguintes: “E quanto à fábula dos que fingem que há antípodas — diz Santo Agostinho —, isto é, homens da outra parte do Mundo, onde o Sol lhes nasce a eles, quando se põe a nós, e que pisam a terra com os pés voltados para os nossos, como nós para os seus, é cousa que de nenhum modo se há-de crer, nem seus autores o provam com alguma história que tal afirme, e só o conjeturam por discursos”.

Não dissera isto o sapientíssimo Doutor, se já naquele tempo estiveram escritas as histórias dos Portugueses, mas este é o maior louvor da nossa Nação (como disse um orador delas) que chegaram os Portugueses com a espada onde Santo Agostinho não chegou com o entendimento.
(Antonio Vieira)

Primeiro há de se dizer que a filosofia está mais para a poesia do que para a ciência. Quanto da filosofia pautada nos resultados da análise científica não se perde, e, em contrapartida quanto da filosofia não se faz perene por ser produto da vontade e do desejo mais íntimo do espírito do autor (UNAMUNO 1996 capítulo I). Com esta idéia o homem de Salamanca se põe a nos falar do homem de carne e osso. Mas que espécie de categoria é essa? E o que interessa esse papo de filósofo, poeta, ciência e homem de carne e de osso? É simples, a rigor deve ser dito “aqui o interesse é pela história”, mas ao invocar a história se invoca, invoca e como o Álvaro de Campos ao invocar a si mesmo também eu não encontro nada. Faz-se urgente tangenciar essa coisa, história. Ainda com *Don Miguel* vejo que a filosofia como um produto humano, de um homem que escreve para outro, ambos de carne e osso, e que arde excita e hesita em busca do êxito. Falar de filosofia por aqui é falar da atividade humana e, por conseguinte, falar de atividade humana é resvalar na história. Resvalar, tangenciar, buscar uma aproximação porque o que se pretende sempre é uma história daquilo que mais é importante. Aquela que ponha o ser integral e desnudo, sobretudo descrito, mas que, como o suplício de Tântalo, não se alcança, e tão somente os seus rastros e despojos, que venho a chamar fenômenos, aquilo que se apresenta ao nosso alcance com o desafio de daí pra frente elaborar um retrato modesto que esboce razoavelmente a condição, contingência do ser, assim como se Tântalo tentasse matar a fome de olhar para o fruto e a sede de ouvir a vazão do rio. Resta esta história despretensiosa porque não quis ser modesta. História modesta por não aceitar ser despretensiosa.

Entendendo ser e existir como sinônimos e expressando nestes termos o estado de relação com o mundo e as coisas, com os “fatos brutos e abruptos” (SANTAELLA 2006 p5) venho supor que

entender história é entender uma questão de propriedade, um descrever da autoria das ações no drama ou na tragédia da existência humana.

Homem de carne e osso, arre! Homem condenado à ação. Pior, condenado à experiência do frêmito da hesitação diante do vão entre o possível e o desejável, para não dizer do possível e do impossível. Escrever sobre um homem teórico, de uma ação teórica, destacada do excitar e hesitar, só para exortar uma linearidade, uma plausibilidade insípida consumível pela ordem racional que legou ao homem a marginalidade do real ainda está ao alcance, mas não cabe ao amontoado de preocupações que por aqui reúno.

Com a liberdade intrínseca de ler as palavras de Unamuno é meu dever expressar o problema prático circunscrito no vago do hesitar, no vácuo do excitar. Entre um pensar com o coração e um desejar com a cabeça. Entre o percurso e o percalço. Tudo isso dito de maneira muito particular, certo estou de que há melhores modos, mas não por capricho, mas porque imputado está não me livrar de mim mesmo. Com algum tipo de humor disse Sartre “a gente se desfaz de uma neurose, mas não se cura de si próprio” (SARTRE 2000 p182). Dou por teimar em inventar de falar em história, ou de história. Do que deixou o homem no seu fazer e do que o fazer deixou no homem, na sua tensão precípua, na angústia e desespero e porque não também na fé e esperança, ânsia e desejo...

Porque foi filósofo que Unamuno disse da emergência prática da filosofia, poderia falar de qualquer coisa, a questão é a procura por esse autor, pelo ser, pela essência, da causa fundamental da ação. Na *Metodologia das ciências sociais* (WEBER 1973 p193) está a afirmação de que a história é o homem ao querer algo se posicionar do modo em que, no campo das idéias, julgue ser mais conveniente ao seu interesse. O que é pouco. Preciso remontar a origem para encontrar a essência, sabendo que na medida em que

os mitos perderam seu espaço de tempo original e criador, para um processo imiscuidamente humano e divino o terreno da ontologia passa à história (ELIADE p98). Adiante diz da importância da *anamnesis* historiográfica, rememorando um tempo primordial que nos dê uma dimensão da existência humana emparelhando o micro e o macrocosmo (idem p121).

Não satisfeito, ainda procuro melhor definição para o ser, ou humildemente um delineamento superior e um tanto mais preciso... Talvez como Giovani Morelli, nas palavras de Ginzburg (1989 p144), que vai procurar no desleixo e não no cuidado a autoria da arte sugiro, eu, o foco da minha atenção histórica não método rigoroso de análise, nem nas interpretações profundas, mas naquilo que salta aos olhos por ser superficial, frívolo. Mas onde encontrar estes rastros despercebidos para a historiografia? Conjecturar as possibilidades, conjecturar a excitação do possível e a hesitante necessidade de forjar a possibilidade em fato. Entretanto o fato, ainda que pese uma descrição mais ou menos objetiva, não revela em si, nem por si, porém pela sua negação, naquilo que deixou de ser, por realização da vontade ou por birra do destino. Por mim diria apenas da nossa condição de falimento, da falta que faz o eu, desse absoluto vazio insaciável tornando esse falar insistente numa confissão, ainda que justa, todavia não metodológica. À parte isso temos então um homem, que quero dizer real, que quis dizer de carne e osso Unamuno, que quis dizer síntese Kierkegaard.

Procuro pelo superficial, afinal a ocupação do lugar central por Deus é o gerador dos significados presentes no âmago do entendimento (PAIVA 2012 p23) e de Deus não falo. Quer dizer que todas as coisas, e todos os lugares da sociedade se determinam por esta referência e reverência. Deus provedor dos sentidos, do exprimir, do entender e do agir. Deus nos homens e homens em Deus. Maneira de perceber a realidade, a qual identificamos no

conjunto de gente para o qual estas nossas lentes se voltam. Não se trata de a princípio tomá-la por verdade, por esclarecida e precisa forma de apreciação da realidade, ou não, mas aceitá-la como fenômeno, isto é, compreendê-la como forma de discurso que legitima a vivência e suas realizações, como forma última de um convencimento que eventualmente nem se nota. E esta é *de fato* para o convencido. Os determinados modos de apreciação do real de cada cultura é o ânimo do fenômeno, tornando assim deste jeito um fenômeno também, ainda que não necessariamente objetivo. Mas por que razão esclarecer se este a todo canto se encontra encantado?

Talvez porque o peso de treze séculos seja demasiado para que não se de sedimento a fé cristã no ocidente, alçando o homem por entre Deus e Este por entre os homens. E na ordem das coisas vibra o rei ungido subordinando em harmonia e diligência. Eis a tese dos dois corpos do rei, um corpo material, físico e natural, e um outro escolhido, ungido, cabeça preeminente no conjunto social.

Um raciocínio interessante me assalta diante da *Religiosidade e Cultura*(id. p27) tratando de que se a totalidade das coisas não se resume apenas a um amontoado caótico porque se faz patente a ordem, a harmonia, *Cosmos*, é por conseguinte uma *sub-ordine*, uma subordinação, uma criação permanente, ou um amparo contínuo da mão de Deus, um rei para que as coisas estejam todas em seus lugares, sugerindo enquanto reflexo outra idéia, esta de Freud (2012) que diz que pelo fato de não se poder pular fora do mundo, constitui por bem ou por mal um vínculo indissolúvel, uma unidade, a condição una.

De qualquer maneira a sedimentação de uma nova percepção emana do religioso para o jurídico, o poder passa do rei para o Estado, sendo um ou outro a entidade, por excelência, da distribuição da justiça e preservação da harmonia (PAIVA 2012

p33). A racionalização e a secularização são desenvolvidas em paralelo os modos de viver, estabelecendo sobre outras bases de relações paulatinamente descartando a necessidade de uma substituição automática da percepção da realidade, ou de suas justificativas, porque as formas de enfrentar os novos estímulos quais as pessoas sofrem contemporizam-se com as maneiras cristalizadas nas suas tradições fazendo da fé razão e da razão fé (id. p36)... Exagero? Talvez, de qualquer modo cismo que as questões de autoridade e harmonia levantam a suspeita de uma vida que se conforma, vida que se remonta. O que antes se oporia se compõe e se impõe disse o professor (ib. p181), o que seria, enfim, a experiência de vida senão esse amontoar de idéias e percepções. Nestas composições desembocadas no Estado e no Direito um sintoma da maior tristeza, individualista, a necessidade de um código para além da moral, para àqueles que não se encontravam de acordo com o desejo de Deus.

João Adolfo Hansen afirma a imagem de Deus como emanção (1999). Este é o tipo de imagem que suponho, uma vibração que anima com temor e tremor a existência dos homens e das coisas ao passo que não posso supor de outra forma a história, a harmonia, a autoridade, hierarquia e a própria ação dos homens, dos homens piedosos, que não a do espelhamento dessa imagem, *eidos*. Assim causa primeira. Deselegante heresia estar contra a ordem natural, divina e graciosa das coisas. A vivência da missa, do culto e do sermão, não emerge só como expediente que remete à dimensão mística (Paiva 2012 p88, 89), são os círculos místicos que não se limitavam à vivência religiosa, supondo que aí haja um vácuo entre fé e vida para com vida e mundo. A missa pregação, o levar a palavra a todos os ouvidos, o decifrar do ânimo do fenômeno da existência, a explicação em todas as esferas da vontade de Deus.

Rei *terribilis* é a encarnação da onipotência que ao obedecer aplaca a disposição Dele (ib. p247 conferir nota de rodapé). Recorde-se algumas coisas, da ordem natural que Deus conferiu ao homem e ao mundo o homem fez por subvertê-la, a vontade individual, a ânsia e a luta particular de cada sujeito por sua imposição ao mundo que tanto estremece pensadores políticos como Maquiavel, Hobbes e Rousseau é também a responsável pelas idéias de história como decadência, da queda do homem restando tão somente, por si mesmo, se conscientizar e se salvar entregando sua ação e sua vida à realização da vibração do querer divino.

Tomando carona outra vez nas formulações de Paiva, e cada vez mais abusado, cito-o.

Convém analisar a experiência mercantil, condição de entendimento da transformação cultural da Europa. O comércio se faz de coisas: alguém vende, alguém compra alguma coisa. O europeu começou a produzir alimentos e tecidos sobretudo, para além da necessidade de consumo. Esses foram o objeto da primeira experiência. Vender pressupunha fazer chegar o objeto ao possível comprador, convencê-lo do proveito da compra, tirar proveito do resultado obtido. Isso significava aprimoramento do produto a vender, cuidados que visavam ao transporte, segurança na ida e na volta, reaplicação do resultado, gerando o processo contínuo. Isso significava a criação de muitos ofícios, de muitos instrumentos que visavam à maior e melhor produção. Entre estes, destaquem-se como exemplo a moeda, a letra de câmbio, o seguro, o empréstimo, os juros, a sociedade anônima, as companhias, os bancos, a contabilidade, a legislação comercial. Tudo isso em função do lucro que se buscava. Isso significava ainda a busca *interessada* do outro, busca *ativa*. Põe-se, então, a condição que transformará o formato das relações sociais. O outro é posto como possibilidade de satisfação dos *interesses* alheios. (ib. p182)

Unamuno (1996 p77) quando diz que consciência e finalidade são no fundo a mesma coisa e me parece, deste modo, muito com a afinação de racionalidade com a idéia de *effectus* em vez de *affectus* como vemos com o Professor José Maria (ib. p184-185), de modo que as relações sociais estabelecidas com a mediação da mercancia produz um afastamento, um fim a que se deve alcançar,

uma busca, notadamente a distinção da filosofia patrística que contorna a definição do ser em comunhão, *estar*, em detrimento do como funciona, encerrando o homem em sua individualidade, e os argumentos na precisão secular, como instrumentalização. Faço gosto em dizer lembrando Schopenhauer de uma falta, se um ser infeliz em eterna busca pela sua realização plena. Ainda demonstra o professor

A condição individualista a que as pessoas se encontram vem por nome ao esforço vão (ib. p188), de afirmar a vida interior do homem solitário. Em vão porque o homem não estando mais num estado afetivo, que o colocava em comunhão com Deus lhe restava apenas apelar a sua salvação e assim fazendo-se as ordens mendicantes ou fazendo o desespero religioso. Por outro lado, o perfil mercantil de busca, distanciamento, instrumentalização e produção da vontade de Deus estão presentes nos exercícios espirituais da Companhia de Jesus, reformando o homem naquilo que o pecado deformou, estabelecendo o que Hansen chama de vontade obediente (in PÉCORA 1994 p26). Esse negócio jesuíta tem toda sua razão de ser, problema que se fez da busca por onde se hospedar depois da morte, e qual o tributo que deve ser pago pela salvação, se curvar diante do querer de Deus. Esta, com efeito, não é a solução encontrada pelos contratualistas para a instituição do Estado, as vontades submetidas à vontade soberana, seja esta fruto de assembléia ou do príncipe. Boa troca a vontade individual pela vontade de Deus. São essas coisas que só reafirmam, com uma voz terrível e estridente o individualismo. A definição sem graça do homem em *vita activa*, que não encontra as condições necessárias à sua existência e a realiza em meio à balbúrdia da luta de todos contra todos e cada vez mais premente, mais desesperadora a busca.

Ah! Homem, que apela à corte celeste por um sinal que lhe ampare a escolha (PAIVA 2012 p192-193), homem caído, prostrado, de joelhos mais por abatimento que por convicção de fé, homem angustiado entre o ser e o não ser da escolha, da sua liberdade tão cara!

O sentido não está posto, o risco é produto de sua decisão individual. “A orientação para Deus dota o eu de infinito, mas esta infinitização, neste caso, quando o eu for devorado pelo imaginário, apenas conduz o homem a uma embriaguez no vácuo” (KIERKEGAARD 1979p315). Está no homem a possibilidade do mal, é de sua responsabilidade a perversão, o demônio é a consequência do individualismo, e nisso que se baseia por parte a percepção existencialista apresentada de Kierkegaard, ou como no verso de Álvaro de Campos dizendo “e hoje não há mendigo que não inveje só por não ser eu” (PESSOA 1985 p365).

As formulações da teologia da igreja que reformada põe em evidência um novo caráter à especulação, a filosofia aristotélica rediviva e a contemplação do homem em comunidade e comunhão dá seu lugar a *activa* busca pelas causas num estudo à distância, desinteressado, científico (PAIVA 2012 p194). Recorrendo a Eliade, Girard, Amgaben Paiva (id. p204) fala da disposição do homem a morte e da contingência do homem. Ainda que em religiosidade se inclua a transcendência, o ser atravessado pelo tempo e pelo infinito, ou quem sabe atravessando, à esquina deles, angustiado e conjecturando o que fazer. Se há um fim que não é fim? O drama e a tragédia do cristão revelado no absurdo do temporal e eterno que o põe impotente diante de Deus, única Saída e Soberano do destino.

Feliz daquele que tem um rei. Felicidade estar de acordo com a vontade de Deus, e quem melhor para compor o homem e dispô-

los conforme pede a harmonia e a hierarquia, cada um ao seu lugar ao lado do sagrado. Cultura além de vestir faz ver o rei vestido.

TEMPO DE MILAGRE

Tristezas de um quarto minguante

Quarto Minguante! E, embora a lua o aclare,
Este Engenho Pau d'Arco é muito triste...
Nos engenhos da várzea não existe
Talvez um outro que se lhe equipare!

Do observatório em que eu estou situado
A lua magra, quando a noite cresce,
Vista, através do vidro azul, parece
Um paralelepípedo quebrado!

O sono esmaga o encéfalo do povo.
Tenho 300 quilos no epigastro...
Dói-me a cabeça. Agora a cara do astro
Lembra a metade de uma casca de ovo.

Diabo! não ser mais tempo de milagre!
Para que esta opressão desapareça
Vou amarrar um pano na cabeça,
Molhar a minha fronte com vinagre.
(...)
(Augusto dos Anjos)

Nenhuma palavra ou discurso vale mais que o silêncio perplexo diante da complexidade da vida. Esta tarefa de escrever que ora me ocupa não foge a regra, onde, porém, a inquietude da alma diante da apresentação diminuta dos fenômenos incita a aplicar um esforço em tentar edificar no éter das palavras e teorias uma sugestão de vida.

Às vezes penso em apontar o que de fato Vieira pensava e queria, mas penso e ao pensar, apontar e escolher pelos rastros da existência como anúncios de suas idéias estou por reduzi-la a minha capacidade de pensar, apontar e escolher... Procuro apenas uma sugestão de compreensão possível. E a verdade? Por que sempre a verdade? (NIETSCHE. 2003 p22)

Escrever história é muito tentador. Pulsa a vontade de se buscar e buscar as explicações possíveis, supostas causas que se não cuidar muito é um esforço que tende ao infinito. As preocupações práticas, no entanto, conduzem ao esforço em direção contrária, em especificar, esquadrinhar, extrair e explicar cada vez mais de cada vez menos. Trato a história como o debruçar sobre o tempo, mobilizando minhas forças e atenção para um período cada vez mais exíguo, um tempo tão diminuto que para o mundo dos relógios não é nada e para uma vida tudo, não como totalizador, mas como fundamento, como aquilo que proporciona as rodas de relações a que chamamos existência.

A qualificação do termo tempo se encontra embrulhada num problema que é próprio da construção narrativa. Se compreendido enquanto parte da trama que tece o cenário de um drama que é a vida eu posso compreendê-lo como objetivo e transcendente ou então como subjetivo e intrínseco. Está a primeira possibilidade com o dispêndio de botar o tempo a revelia da vida e a segunda não deve ser oposta ao transcorrer da torrente de aventura e tragédia que numa palavra se diz vida enquanto fenômeno coletivo, mas

situada no viés de que a experiência do instante, deste pulsar, do instar, do premir o sujeito ao debater-se no flúmen da animação do ser é o ponto donde se firma o espiar a realidade, dando forma às coisas e sentido aos fatos.

Ainda é necessário explicar que trato como um problema de narrativa porque é perpendicular ao meu esforço para botar em evidência como reflexão acerca da linguagem, o que dá motivos e razão suficiente para se fazer o ser, porém insidioso perigo é mudar de assunto, me detendo a estimar tanto o tema como uma questão de tônica. Registro ainda o dispêndio conseqüente a consideração do tempo no modelo objetivo porque se considero a princípio a existência de um sujeito, de um alguém vitimado a conjugar o verbo ser e estar num lugar qualquer que é o mundo não posso dar de ombros à sua experiência e narrar uma explosão apenas como observador distante da emissão de luzes, sem considerar a dor e o calor em que tudo se deu. “Onde é que há gente no mundo?”(PESSOA. 1985 p418) como já disse Álvaro de Campos. Ainda falo em fenômeno coletivo, e não disse social para poder me recordar de comentar que penso em coletivo como aquilo em que se ajusta e conforma e social naquilo que se suporta, e que no fundo julga que melhor seria e mais completo a sós. Há risco ainda de soar que o coletivo apresenta um tom de resignação que não é de meu interesse, digo conforma como formar junto, não penso sobre o gostar ou não, sobre dar ou não graças a Deus por as coisas estarem assim, mas apenas por entender que a vida, tal como a conhecemos é em relação, sempre fundada em seu sujeito e em relação aos estranhos outros.

Com a proposta agora de escrever sobre história, ou fé, a respeito da força de convencimento que faz o padre Vieira entender, lutar e escrever, pode-se questionar que há pouca análise, pouca crítica e que talvez Vieira não seja objeto de estudo e sim

protagonista de um discurso elogioso. Contudo estes riscos são tributação sobre a escolha de tentar elaborar uma narrativa em que pretende anunciar uma história subjetiva. Considero como elemento qualificador da subjetividade as suposições daquilo que poderia ser convencimento e incitação ao ato vida. O silêncio sobre as missões, sobre a escravidão negra não são menos importante para a história, mas nem tudo cabe no abraço tenso que se procura dar ao viver alheio e assim escapa ao toque e atenção que dispenso e deixa de ser alheio. Comparações talvez demasiadas estéticas, mas qual a melhor maneira para se aproximar de um fenômeno que a sensação que este causa. João Lúcio de Azevedo(2008 p347,348 Vol. II) ao comentar a história do Padre André de Barros, em que se narra que durante a exumação dos restos mortais de Vieira fiascava a parte côncava do crânio, traz a questão se a lenda e a ilusão pessoal não retratam melhor a verdade histórica que a frieza do realismo racionalista? Mais ainda diria que aquilo que chama ilusão e lenda não seriam apenas formas de percepção, a impressão de um desenho da realidade, o que seria mais verossímil que isso? Penso apenas em formas de discurso palatáveis, em discursos que possam ser digeridos.

A melhor forma de historiografia seria conseguir voltar no tempo e buscar cuidadosamente descrever a totalidade da vivência. Mas por soar impossível ficamos na possibilidade, e não seria isso a condição humana, o ser da possibilidade, contingência, escolhas? O possível é tensão, é encontro de vetores, Vieira diz do passado e do futuro como hemisférios por sobre a cabeça e escondido sob os pés tendo o presente como horizonte, como caminho, percurso, percalços... Viver é a consciência reagir em relação ao mundo (SANTAELLA. 2006 p47), não seria então mais apropriado pesquisar o homem no instante da realização da escolha, não com os

discursos distantes após as cartas serem colocadas às mesas.
Penso no homem que inspira e pensa e quer...

Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?
Será essa, se alguém a escrever,
A verdadeira história da humanidade.

O que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o mundo;
O que não há somos nós, e a verdade está aí.

Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos.
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.

Que é daquela nossa verdade — o sonho à janela da infância?
Que é daquela nossa certeza — o propósito a mesa de depois?

Medito, a cabeça curvada contra as mãos sobrepostas
Sobre o parapeito alto da janela de sacada,
Sentado de lado numa cadeira, depois de jantar.

Que é da minha realidade, que só tenho a vida?
Que é de mim, que sou só quem existo?

Quantos Césares fui!
Na alma, e com alguma verdade;
Na imaginação, e com alguma justiça;
Na inteligência, e com alguma razão —
Meu Deus! meu Deus! meu Deus!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!
(Pessoa. Álvaro de Campos. 1985 p388)

A *História do Futuro* é a história do que poderia ter sido, história do rei morto e ainda não ressuscitado (MUHANA in VIEIRA 1994a pXII), é a projeção do ser que freme e vibra através da oratória engenhosa do padre Vieira, porque é mais padre que Vieira, e é o ser cristão a onda vibrante do ser, o ânimo. Assim sendo tempo de milagre, porque o tempo não é considerado como o extenso cenário em que a vida se apresenta linearmente, é simplesmente o estar diante, o horizonte o presente.

HISTÓRIA DO FUTURO DO PRETÉRITO

Gazetilha

Dos Lloyd Georges da Babilônia
Não reza a história nada.
Dos Briands da Assíria ou do Egito,
Dos Trotskys de qualquer colônia
Grega ou romana já passada,
O nome é morto, inda que escrito.

Só o parvo dum poeta, ou um louco
Que fazia filosofia,
Ou um geômetra maduro,
Sobrevive a esse tanto pouco
Que está lá para trás no escuro
E nem a história já historia.

Ó grandes homens do Momento!
Ó grandes glórias a ferver
De quem a obscuridade foge!
Aproveitem sem pensamento!
Tratem da fama e do comer,
Que amanhã é dos loucos de hoje!
(Álvaro de Campos)

É, no mínimo, indelicado, resolver tecer determinadas considerações sobre a sorte das profecias apresentadas, argumentadas e defendidas pelo Padre Antônio Vieira com tamanha distância que se impõe entre nós. No entanto singelamente digo *História do Futuro do Pretérito* não de modo a desmerecer seu trabalho, suor, entendimento e drama, mas para estabelecer que a narrativa que se segue apenas pleiteia apresentar que poderia ter sido, a glória, o estar junto, presente e diante de uma vida e de um mundo que.... Encontro o livro de Manuel Bandeira com o verso “a vida inteira que podia ter sido e que não foi” (BANDEIRA 1993 p128) e penso que da mesma forma posso considerar a promessa do Quinto Império do Mundo, esperanças de Portugal. Que importa o porquê de ser ou não... Importa apenas que poderia ter sido. Poderia? Digo futuro do pretérito porque em algum momento pôde, este tempo verbal expressa a “possibilidade de um fato passado” (CUNHA 2008 p280).

Uma narrativa pouco crítica poder-se-ia dizer, mas não o digo por temor análogo ao do espantalho do livro “O Mágico de Oz” (BAUM 1991), que se cala depois de receber a cabeça de volta de uma cirurgia que substituiu a palha de seus miolos por serragem e alfinetes desembestando a ter idéias tão profundas, complexas e agudas que menos dor há no silêncio que a incompreensão. E nesta atividade estranha de falar muito com pouco assunto ou muito assunto com pouca fala, em insistir nessa conversa que pressupõe alguma interlocução invento de me ater à superfície, de deixar a profundidade de lado e procurar só os fenômenos que tenho interesse em apresentar, que nada são além de uma possibilidade de compreensão do texto *História do Futuro – Livro Antepreimeiro*, uma leitura em voz alta da contingência do futuro, da imprecisão do presente e do que no diálogo impresso e inerte suponho do passado.

Folheio uma edição de *O Príncipe* de Maquiavel (2004) e noto a constante presença de palavras como rebelião, conquista e conveniência e admito hipoteticamente que essa gente do século XVI já se preocupava deveras com a ação, esvaecendo assim a imagem do retiro e do ermitão que muito representou o ideal de uma época. Como não poderia deixar de ser o padre Antônio Vieira, jesuíta que é, confere um modelo de homem agitado e dinâmico, que certamente não se ocuparia apenas em contemplação e votos. Por qual razão então erguer a voz através da pena? Penosa arte de anunciar as coisas futuras. É a missão do homem prostrado diante do infinito acatamento (VIEIRA 1992 p70), revelar ao mundo e aos homens a História do Futuro. Porque se a história das coisas passadas é a mestra da vida é justo que um homem afeito à ação aplique tempo e cuidado com a escritura do que se há de vir, pois maiores danos traz a ignorância do futuro que a do passado. Misericórdia de Deus a propósito da mudança, melhoria e reformação.

Providência da Bondade e Onipotência divina (id. p76), autor do mundo e das coisas, das glórias e insucessos se revela previamente afim de advertir à soberba, ingrata e rebelde natureza humana que a sucessão dos acontecimentos não se deve a natureza ou ao acaso (ib. p71). E Portugal, como o povo de Moisés que se livrou das garras do Egito e do Faraó, dá graças a Deus por mais de vinte anos de restauração e aponta para o passado o nascimento, para o presente a ressurreição e para o futuro o destino de se sublimar. Aquele que crer poderá ver enquanto o incrédulo pagará o crime de ingratidão com a vida e não verá. (ib. p78)

É preciso mais que esclarecimento para ver utilidade nessa história, é preciso aceitá-la como interesse fundado em fé que é o modo próprio, neste caso, da lida de inventar o viver. Um desejo de saber nasce. Histórias contam das coisas passadas, as ações

públicas, feitos memoráveis, enquanto a História prometida é de revelações de segredos e do que há de vir. O homem que *“do presente sabe pouco, do passado menos e do futuro nada”* (ib. p47) se distingue dos deuses nesta ciência, e a corrupção não se deu por outras causas senão essa de conhecer, assim também como a idolatria (ib. p49). Desenvolveram as artes da geomancia, hidromancia, aeromancia e piromancia para descobrir nos quatro elementos a fortuna dos homens, quando não no próprio homem procuraram as respostas ao seu anseio pela fisionomia através das feições do rosto e da quiromancia pelas mãos. Caçaram o futuro numa cena efêmera do céu e procuraram entre os mortos o saber do futuro dos vivos. A ânsia de conhecer o futuro lançou o homem a todo tipo de sorte de sortilégios, analisando os corpos brutos³, as folhas, os bosques e as vozes dos animais e nada de remédio, nem injuriando o Céu e nem excitando o Demônio. A prodigiosa obra do AntônioVieira entretanto promete atender o apetite dos homens e não como Beroso, Xenofonte, Hérodoto, Josefo, Cúrcio, Tucídides e Lívio que contaram o passado para o futuro, mas sim contando o futuro para os presentes(CONFERIR ib. p51).

Com o passado por cima das gentes e o futuro, invisível por baixo o homem tem por horizonte o instante, este presente em que se vai vivendo, parte-se para entretecer esta História, os exércitos, as glórias, as nações do que está por vir. História para *“exaltação da Fé, para triunfo da igreja, para glória de Cristo, para felicidade e paz universal”* (ib. p52). Porque Moisés contou do princípio e criação e não o fez com o espírito de historiador, mas sim de profeta. Havendo profecias do passado porque não uma história do futuro, se esta contém não só a sucessão das coisas tangenciando a sua essência, nua e secamente, mas a acompanham as circunstâncias e se apresenta seguindo as leis da história a que

³ Chamava-se bruto os animais.

todos podem perceber. A História do Futuro também é um manifesto.

Qual relação entre desejo e esperança? Se a segurança no porvir não é um frêmito, mas resoluta. A esperança e o desejo então se trançam. São Paulo disse de dois futuros, *neque instantia* e *neque futura* (ib p58), um que está por ser e outro que um dia será. A esperança tem de estar iminente. O tormento de esperar e reesperar faz desesperar, o limbo é um inferno àquele que tem o céu prometido, o desejo de que se fala é a esperança que vem e Portugal com os portugueses os artífices.

Anseio do mundo por um império, anseio dos impérios por um mundo. Há de haver império e que império será, em que tempo, lugar e pessoa e suas grandezas e felicidades (ib. p63)? Arrogância de arrostar senhorio de tudo, os assírios, persas, gregos e romanos, chamar a parte pelo todo, que exagero (ib. p65)... Considerações imprecisas, resoluções do receio ou da inveja próprias dos impérios que chegaram ao limite por ser grande. Império do Mundo com Deus desfazendo a inveja em união e semeando a paz onde persistiu o receio (ib. p67).

Um mundo em desencanto e destruição. Rui as construções dos que vivem em pecado, como Ló voltou as costas a destruição de Sodoma e Gomorra fiando a vida na fé, ou Jó que deixou tudo esvair e em recompensa obteve em dobro, de grande valia é a paciência, irmã da esperança e do desejo, alimentada em crer nos prodígios que a Providência promoverá. Dos profetas canônicos (ib. p83) dez predisseram ou trataram com principal preocupação do cativo de Babilônia. Isaías com promessas consolou a dor dos cativos (ib. p85), São João disparou nos corações dos homens a preocupação apocalíptica. E por utilidade Vieira na História do Futuro precisa as profecias que importam (ib. p87). Quão longe vai um império, tão

dilatado império tão dilatada a profecia. Nada além do que Deus dispõe. Assim foi com Alexandre, assim é com Portugal

À Espanha mensagem felicíssima, revelação dos destinos e glórias de Portugal. Prudente o que entendendo a pujança das conquistas se desengane da peleja contra os decretos divinos. Pelejam (ib. p115) pela Pátria, pelo Rei, pela vida, pela liberdade os portugueses, por Deus peleja Portugal. E que um dia nos concelhos dos Estados inimigos se dê lugar não só ao apetite, ao ódio, à vingança, aos discursos militar e político, mas também à fé.

Mas qual razão para a razão duvidar da fé? Príncipe católico de Espanha, fiel e piedosa pátria por que com tão digna humildade não se sujeita a conservação e perpetuidade decretada a Portugal. Há profecias da sujeição de Portugal, e Portugal se sujeitou, chegada a hora de seus sucessos há profecias a se fiar. Uma vez no juramento de Dom Afonso Henriques (ib. p120), outra vez com São Bernardo, (ib. p122) e ainda com Bandarra, ou seria Santo Izidoro, como disse o Arcediano Dom João de Horozco e Covarruvias (ib. p128). Inimigos de Portugal é mister acautelar-se... Tão desigual é combater a Deus. O profeta se faz pela profecia, e esta anuncia a vontade de Deus. Saul fora ungido porque assim fora na profecia, não uma, mas mais vezes, e se sucedeu (ib. p120). Assim será com a Pátria de Vieira na décima sexta geração de rei, dizia o Senhor na visão de Dom Afonso Henriques, aos sessenta anos de sujeição dizia a São Bernardo e aos quarenta anos da era que se *ementa* diria o sapateiro de Trancoso, o Bandarra.

Se pelas ruínas de um mundo surge a advertência de uma esperança latejante num escuro e caliginoso caminho para o futuro, tortuosa empresa esta de historiar o que está por vir. Como os que para saber do passado invocam os autores da época, invoca-se na História do Futuro aos profetas, candeia que alumeia o caminho dos homens e que mais se abrasa se apoiado nos doutos no percurso da

verdade provável para, seguidamente, moral, teológica e de fé. E se melhor aquela candeia experimentada e posta a prova boa também pra cá, pertinho, candeia que despeja mais luz sem desperdício ao raio do olhar.

Não há nada de novo, melhor seria dizer que tudo é novo? Ou foi novo, o tempo é um acidente que não deve conspurcar a qualidade condenando o antigos a triste fortuna de ser mais considerado após a morte (ib. p171). Mas é o novo superior ao antigo, por ao vislumbre notar maior contorno? Não, a defesa do novo é escudo (ib. p178) para a História do Futuro, porque o que é novo, não seria velho o mundo novo chamado novo pela Europa aos povos que nele vivem. Novo é o casual e fortuito de saltar aos olhos, para os olhos de para quem se salta (ib. p172).

O conhecer do conhecer dos antigos não é saber, é lembrar (ib. p172), os Padres da Igreja são balizas da verdade, mas não só eles, a verdade é do Criador, e só este a tem por completa, de modo que é preciso cuidar persegui-la e considerar que os padres antigos não disseram tudo, não acertaram em tudo e não concordaram em tudo, tarefa de hoje (ib. p184) dizer o que é necessário, apartar-se quando preciso e seguir livre naquilo em que não coadunam. A primeira razão a que se põe a precisão de superação dos antigos, e superação não como oposição e pouco caso as suas contribuição, entretanto como a tomada de uma nova feição mais propositada ao agora, a hoje, o mundo é grande e por honra e decência dos anteriores a importância de crescer em sabedoria, assim como um rio que quanto mais corre e se vai ao longe da origem mais forte e caudaloso se torna (ib. p192).

Em segunda razão se aponta que em alguma coisa erraram os Padres da Igreja, consideraram, como demonstra, um absurdo a existência de antípodas e da sua necessária causa, a esferidade do mundo. Mas como condenar tais erros se os portugueses ainda não

havam levado os olhos da Europa, através espada e ousadia, para além do cabo de não... Condená-los é desfaçatez tal qual a de Cam que expôs aquilo que Noé tinha em pudor.

Em terceira razão se os Padres da Igreja não concordaram em tudo, eles que escreveram alumiados pelo Espírito Santo, divergiam porque não poderiam falar daquilo que ainda não era de conhecimento. Deus não deixaria seus filhos na América por tanto tempo esquecidos, ignorando a mensagem de libertação trazida pelo sacrifício de Cristo, senão porque no novo mundo guardou a riqueza para os que lá chegam e os que chegam lá chegam com a luz do Evangelho marchando para a edificação do Império do Mundo.

RIOS E LÁGRIMAS

Rio de lágrimas

O rio de Piracicaba
Vai jogar água pra fora
Quando chegar a água
Dos olhos de alguém que chora
Mas quando chegar a água
Dos olhos de alguém que chora

Lá no bairro onde eu moro
Só existe uma nascente
A nascente é dos meus olhos
Já formou água corrente
Pertinho da minha casa
Já virou uma lagoa
Com lágrimas dos meus olhos
Por causa de uma pessoa

O rio de Piracicaba
Vai jogar água pra fora
Quando chegar a água
Dos olhos de alguém que chora
Mas quando chegar a água
Dos olhos de alguém que chora

Eu quero apanhar uma rosa
Minha mão já não alcança
Eu choro desesperado
Igualzinho uma criança
Duvido alguém quem não chore
Pela dor de uma saudade
Quero ver quem não chora
Quando ama de verdade

O rio de Piracicaba
Vai jogar água pra fora
Quando chegar a água
Dos olhos de alguém que chora
Mas quando chegar a água
Dos olhos de alguém que chora
(Tião Carreiro, Piraci e Lourival dos Santos)

“As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase” (DRUMMOND DE ANDRADE 1993p 24). Às vezes me ponho a rir ou a chorar, tristeza sem ênfase? Razão? Esta última se tem por fim o riso tem por meio o pranto, palavras do senhor Antônio Vieira (2006 p165). Ainda procuro a ênfase, lanterna em punho como Diógenes, com hipótese não sei se mais triste ou feliz que o filósofo cínico, ansiando remontar a história à sua questão fundamental, a torrente de outras perguntas que aparentemente se perde de vista. Digo aparentemente não porque esteja opondo aparência à essência, isto é, àquilo que faz a coisa ser ela mesma, e sim por não ter por onde afirmar definitivamente o fim de tal exercício. De todo modo, então, segue-se viagem, diligente diante das ardilezas. Será possível este cuidado? Reduzir a uma última pergunta a história, o que é o ser, ou que é ser? Para agradar algumas filosofias...

Curiosa pergunta pelo ser, porque isto já é uma busca pelo início, pelo fundamental, pela essência e isso não é o ser? Desconfio que se deva confundir cosmogonia com ontologia. Nietzsche, como eu já disse *en passant*, questiona se Schopenhauer e Descartes ao procurarem um homem que deseja e um homem que pensava, não perdia de vista o desejo ou o pensamento enquanto ser?(2003 p22) Nem potência nem ato, um fato! Um fenômeno, uma existência, manifestação, vamos assim reduzir a expectativa e o escopo da questão. Um sentir arqueado ora pela culpa do passado ora pela responsabilidade pelo futuro, responsabilidade que é culpa latente e latejante, pelo passado eterno fardo e pelo futuro construído sobre o piso vacilante das escolhas.

Um balanço do homem sugere então não um retrato da sua miséria trêmula e ofegante, mas a força que o arrebatava e o faz seguir, certo de fim, sem saber ao certo seu fim. Chamam alguns a isto de projeto, Kierkegaard contaria da paixão ou da fé, produtos

do absurdo que guiam o homem para além daquilo que se pode entender e explicar, mas entre nós vamos tratar isso como história, o esforço humano de moldar sua vida idêntica ao que tem em idéia. O verso “o mito é nada que é tudo” do livro “a mensagem” de Fernando Pessoa me faz sentir agora um sentido que é tão somente sensação. Poderia dizer que *nada* é (o) projeto, o ideal porque não existe como verdade material, não pode ser conhecido objetivamente, entretanto digo que é sensação porque casa mais ao estremeamento do corpo que não o consegue descrever, mas arrepiá, torna claro e não racionaliza, diz mais é impraticável dizer! E se esta compreensão estética não é de fundamental importância, pois assim não pode ser provada, não aspira ser verdade, conquanto sugira convencimento. História é coisa para poeta.

Por longos dez anos reis e príncipes empenharam sangue e vida para ter de volta Helena à Esparta e aos gregos. Por outros dez terríveis anos Ulisses vê um a um tombar em sua expedição de volta à Penélope. Por quanto tempo fitando o futuro e flutuando ao mar Portugal se empenhou em luta, dor e lágrima em nome de toda a humanidade. Qual alma de navegador supunha tamanha água, ultramar, tanto mar, tanto rio.

Tenho por testemunho o padre André Fernandes, bispo do Japão, constando notícia de 29 de abril de 1659, redigida sobre o imenso rio das Amazonas, falando das esperanças de felicidade a Portugal (VIEIRA 1997 p468, 469). Rio que leva a esperança, entretanto, é outro. Não foi o Padre Vieira mesmo a recordar o cristianismo enquanto rio, enquanto um fluxo que toma força e corpo a cada instante indo ter lugar ao oceano dos oceanos satisfazendo o sonho de Céu (VIEIRA 1992 p192).

Enquanto o Padre, um céu também como está dito na *Mensagem* (conferir PESSOA 1985 p86), convoca a fluência do rio rumo ao Quinto Império pelo amanhecer que põe dourado às

margens do Tejo, de onde singra para o mundo e sangra à América e à fortuna. Em aviso escreveu Pessoa a beira-magua (a esse respeito conferir PESSOA 1985 p86, 87 e 215, 216).

Em canoa o Padre Antonio Vieira trazia esperança, Pessoa fitou o rio em advertência, a igreja flui a glória de Cristo, Portugal cheio de lágrimas debruça a salgar o mar mirando o futuro do passado. Escrevo eu também à beira, não da mágoa porque afogo, não do império porque não espero, mas da lágrima do presente que na vila onde vivo há um rio feito de lágrimas, barroco no estirão impossível entre a mão e a rosa e entre o adulto e a criança sob o signo da saudade.

Que eu não e esqueça que Deus é suprema razão, o último sentido a que tudo remonta e que estabelece o cosmos. Cosmos quer dizer a existência de tudo conforme uma ordem, em oposição ao caos. Ao passo que o realizar a vontade de Deus, se pôr em Deus significa cumprir como procedimento instituído a finalidade em acordo com a natureza da criação. Acredito que aí esteja a ênfase do sacramento firmada pelo excelente trabalho do Alcir Pécora. O sacramento, em especial a eucaristia, traz Deus para entre as pessoas enlevadas e arrebatadas pela sua perfeição e beleza derramadas em letras pelos sermões. Não cabe o indivíduo procurando sua ascese particular em solitude, não por haver extinto o individualismo, mas pela convicção da necessidade urgente da propagação da fé, da salvação. É o individualismo manifestado na contramão ao invés de isolamento incomunicável como sujeição, o resgate da unidade perdida pela queda do homem que seduzido pelos seus desejos se faz demônio.

Quando realizado sacramento, a presença de Deus traz consigo o mistério consoante a razão, no sentido de que não se pode ser compreendido porque toda compreensão é uma redução apertada, onde Deus é à parte, mas compreensão por haver uma

motivação, por haver justiça no fenômeno. A matéria inflada divinamente é a base do entendimento racional místico (PÉCORA, 1994p113), da forma magnífica de se perceber a realidade viva, agitada e conforme surpresa divina.

José Maria, fala do binômio Deus/Diabo no entendimento do mundo e das coisas humanas no seu livro “Religiosidade e Cultura” (2012) e devidamente fala sobre isso também Pécora (1994 p118) anunciando o perigo das vontades individuais de se converterem em “ato desordenado” a contragosto do Criador. Com o leque de possibilidades, de escolha, vontade e desejos divinos e humanos, Luís Palacin vem afirmar a “visão trágica do barroco” que Alcir rechaça. Ainda considero possível entender como tragédia, afinal para nós, sem querer me meter a filosofar neste instante, abandonados após a morte de Deus, diante do reconhecimento iminente da morte, da transitoriedade da vida e do absurdo da existência de essência atribuída às circunstâncias, se é que a criatividade pode nos oferecer uma essência posterior à existência. Parando aqui esse discurso certamente será repreendido por anacronicamente dispor o pensamento produto do século XIX e XX ao de um homem do século XVII. E com justiça isso pode ser denunciado, mas não seria o caso de estabelecer, com honestidade, como as coisas me parecem, não sendo outra razão de fixar essa primeira pessoa na narrativa, pessoa o observador, a ler, a ouvir, e também a criticar, muito embora o crítico tenha dificuldade em se assumir. Também acho mais apropriado entender a história de Vieira pelo prisma do drama, como ensina Pécora (1994 p124), e se não afirmo que seja tragédia entendo que não se pode dizer que não pareça quando o padre Vieira se aventura ao som do canto da morte por conta de se aventurar.

Tempos atrás li muito sobre má-fé, um conceito para a fuga na hora da tomar decisão, recusando-se a própria vida em nome de

uma segurança que é a própria perdição. Seria isso possível de caracterizar na unidade do discurso político e religioso de Vieira? Essa formulação pouco inovadora de Sartre, pois remete imediatamente às condições do desespero humano analisado largamente por Kierkegaard em seu livro homônimo torna clara que a fé, o absurdo da fé, o salto no escuro não se trata de fuga, mas de ir encontrar, enfim, o sentido fundamental e fundante da vida. Algures falo do tempo de milagre, uma gentileza de Augusto dos Anjos em nos oferecer esta expressão, da qual procuro rodear uma idéia de que o *logos* do Padre Vieira, de seu mundo, considera a interferência divina, presente e inconteste. E não seria outro motivo para a tão grande distinção entre o pensamento de Hobbes e Maquiavel em relação às ilações de Vieira e da segunda escolástica de forma geral acerca da política(PÉCORA, 1994 p133).

É hora de reforçar uma afirmação sobre o que suponho ser o entendimento de mundo que participava Vieira. O mais importante é a presença de Deus constante nas coisas terrenas. E isso pode se tornar problemático se partir de uma concepção de que há uma separação intransponível entre os círculos divino e secular. Sem essa divisão não se afirma que Deus seja o mundo, mas que no processo de criação, na relação causal o tempo é sempre presente, tempo de criação, tempo de ação, o *ser* se faz na ação, a providência, a interferência sem fim nas coisas e na vida das gentes. Outro cuidado necessário é entender que isso não conduz a uma formulação de um homem preso aos trilhos do destino, passivo, porque por mais decaído que esteja, e aí está a tristeza e a angústia deste entendimento, o homem está para, mais cedo ou mais tarde, fazer de sua vontade, de sua faculdade de decidir, o seu alinhar à ordem natural de tudo que tem por fim a redenção em Deus, fazendo-se analogia e semelhança com a causa primeira (PÉCORA 1994 p147). Ou para ser mais simples e direto, somente

assim se concretiza o livre-arbítrio, porque, evidentemente, havendo a marca da criação divina em tudo, esta condição dos homens, não poderia ser efetiva se arredia for a sua condição de existência. Tudo deve caminhar para Deus, e Esse o faz também, através dos homens (PÉCORA 1994 p150). Qual outra maneira para afirmar então a importância da hierarquia, da realização da providência pelo mundo! A história não é a realização das coisas terrenas, mas as coisas terrenas são a realização de ação de Deus, com maior ou menor pressa conforme a condição.

Parece, ainda, que não é suficiente a intervenção divina para a plena realização da história. Duas provocações em pouco mais de uma linha, a idéia de realização da história um jeito excessivamente hegeliano para Vieira, e a insuficiência de Deus com cheiro de heresia. Abuso da liberdade de escrita para dizer isso pensando em trazer a afirmação mais que urgente da emergência de Portugal, dos portugueses, se é que não são os mesmos, para os desígnios de Deus. Ah! Quanto falar em Deus... Mas os portugueses são mais que uma espécie mística de catalisador da fé no mundo, são os eleitos, os escolhidos, através da unção ao seu Rei e seu Estado. As formulações da Segunda Escolástica (PÉCORA 1994 p240) estabelecem que o poder seja alienado no rei pelo consenso do corpo místico. Sendo assim para encarnar a providência na Terra. Portugal fundado por vontade de Cristo tem seu rei ungido por Deus, assim como o papa. Ungido e cheio de disposição de se espalhar pelo mundo levando a bandeira do evangelho. Um Vice-Cristo. A fé não se encerra a crer, mas saber que é saber fazer, e a política não se limita a assuntos de poder porque inclui a redenção.

Pobre Voltaire que para distinguir história de outras narrativas as classifica em fábulas e história. Uma sobre as quimeras, outra sobre a verdade. Não sabia Voltaire que quando abraça a complexidade somente o mito descreve, narra e revive. Por que o

mito é o nada que é tudo. Ulisses e Odisséia, Portugal e o V império. O primeiro viajou e lutou durante vinte anos pelo amor a duas mulheres, Penélope sua esposa e Helena esposa de Menelau. Portugal luta pelo amor a Deus por quanto à necessidade instar.

Essa luta que tanto implica em luto, por quê? De onde vem tal disposição à morte por meio da luta? De um sentimento nobre de vida verdadeiramente animada pela fé e esperança, num crer e esperar, por isso distinguindo o padre Vieira de Kierkegaard. O primeiro procura emendar o mundo à vontade de Deus, o segundo abandona o mundo para se emendar em Deus. Isto a que chamam de união mística, do que entendo por diferença entre uma fé que anima por ser partilhada e convivida a uma fé que plana sobre desespero de se encontrar na solidão. É possível que isto seja um trajeto triste da fé cristã, mas não é momento para tal investida em pesquisa. Interessante é notar que a mesma passagem que chama atenção de Kierkegaard que outrora cito, aparece também num Sermão do Padre Vieira, numa mesma interpretação, num sentimento diametralmente oposto. Enquanto Kierkegaard estremece e vê sinal de *salto no escuro* ao Cristo chamar por meio do abandono da vida e de si deixando o verbo grego *misein* bem retinto. No sermão das *Chagas de São Francisco* é apresentado o dramático regozijo da redenção pela mortificação. *Ars moriendi*. Como Tereza de Jesus também que busca ser por todo, a incrível dissolução do nada no restabelecimento da ordem de Deus. Pode ser encontrada definição neste sentido expressa também por Sérgio Buarque de Hollanda, contando mortificação por via que conduz ao Paraíso (2004B p233). Para não me esquecer de Antonio Nobre que fez da poesia o interstício de sua morte. Manuel Bandeira recordando o poeta luso diz fazer “versos como quem morre” (BANDEIRA 1993 p44). Queria escrever Vieira para que se

morresse? Morresse o mundo como somente os portugueses podem saber morrer.

Ainda pensando em rio, em lágrima, em mortificação e desespero tenho de lembrar do conto de Guimarães Rosa, *A terceira margem do rio*, onde o tremor e a agonia colocam o sujeito diante de seu possível fim quando clama pelo pai e se oferece em continuidade do rito composto de silêncio e mistério, desespera e treme, não se entrega, foge para resguardar o tão pouco que é e põe em dúvida seu ser, apela a entregar-lhe o corpo depois da morte, mas se vê tão somente falimento(ROSA 1988 p32).

CONVENCIMENTO

Confesso-o sem reбуço nem vergonha... Não há trecho de Chateaubriand ou canto de Lamartine — trechos que tantas vezes parecem ser a voz do que eu penso, cantos que tanta vez parecem ser me ditos para conhecer — que me enleve e me erga como um trecho de prosa de Vieira ou uma outra ode daqueles nossos poucos clássicos que seguiram deveras a Horácio.

(Fernando Pessoa, Bernardo Soares)

Miguel de Unamuno conta que, pouco tempo depois de Dom Quixote andar pela Espanha, Jakob Boehme dizia não contar nenhuma história de que tenha ouvido, apenas as que ele estivesse realmente em meio à peleja, na qual, via de regra, se encontrava vencido (1996 p283). Disse outrora se tratar tudo isto de um encontro, meu particular encontro com o padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus.

Procuo enfatizar a filiação e o ser padre por desta maneira vir encontrá-lo na minha suposição. Agrada-me pensar que existe um padre Vieira amoroso e diligente guardando o mundo para o reino do Vice-Cristo.

Fiz mais referências do que deveria e citei muito menos do que preciso para entender. Valeu-me o Alcir Pécora e o professor José Maria de Paiva mais do que o tenho demonstrado, assim também como o estudo teológico do livro *As Fundações do Pensamento Político Moderno* de Skinner qual não fiz uma referência sequer. São estes os desencontros mais notáveis.

De volta aos encontros. Desejei apresentar como me parece interessante que a fé que ampara e firma o padre Vieira ante os infortúnios tendo diante de seu olhar a magnífica realização dos desígnios de Deus, enquanto no século XIX o cristão sozinho, angustiado e triste, desespera e se atira em pânico e loucura para o absurdo da salvação.

E se discorreu sobre educação é porque se fala de história. Ação, formação, direção e um sentido para a vida. Que seria este debate senão educação e história? “Como a pessoa é uma vontade, e a vontade se refere sempre ao porvir, quem crê, crê no que virá, isto é, no que espera” (UNAMUNO 1996 p183)

Várias vezes penso que disse a mesma coisa, outras vezes evito pensar. Há tanto o que falar? Não sei, sei que para afirmar a unidade, diferente de João Lúcio de Azevedo que estabeleceu capítulos dedicados a um ou outro enfoque seu sobre o Padre Vieira, eu quis tratar de tudo misturado, com toda a dificuldade de entender a religião como “capaz de conciliar o cuidado do espírito com os negócios do mundo” (PÉCORA in VIEIRA1995 pVII).

Tenho apostado ainda que um estudo mais metuculoso do Brasil, de Portugal, da fé e do conjunto de relações pessoais cotejados com uma não menos metuculosa reflexão sobre a história enquanto instante sejam curiosos e profícuos caminhos para um exercício que para além de encontro, seja uma experiência intensa de convencimento.

Não é conclusão porque não se encerra. Ainda há muito que se pode fazer, a questão é, deve-se ou não fazê-lo. Creio que sim, não com a resignação teimosa do padre Vieira, mas com a curiosidade que vez por outra traz algum acidente. Lamento as eventuais decepções. Rio de algumas certezas. Rio?

Contei muita coisa, mas com pouca coisa conto. Mas julgo ser uma boa idéia e por ela nutro grande simpatia, Quinto Império! Ou será que só é um jeito tímido de dar remédio a graça de ter pelo que lutar e crer.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Santo. Os **Pensadores**. SP. Ed. Abril Cultural, 2ª ed. 1980.
- ANDRADE, M. C de. **O Brasil e a África**. São Paulo: Contexto. 1996.
- ANJOS. Augusto dos. **Eu e outras poesias**. São Paulo – SP. Martins Fontes. 1998.
- AZEVEDO, João Lúcio de Azevedo. **História de Antonio Vieira**. São Paulo – SP. Alameda Casa Editorial. 2008. 2 volumes.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. Rio de Janeiro – RJ. Nova Fronteira, 1993.
- BARROS, André de. **A vida do Padre Antonio Vieira**. Lisboa, Editores J. M. C. Seabra e T. Q. Antunes. 1858.
- BAUM, Frank. **O Mágico de Oz**. Tradução de Paulo Mendes Campos. Ediouro. 1991.
- BESSELMAR, José Van Den. **Sebastianismo – História Sumária**. Lisboa. Instituto da Cultura e língua Portuguesa – Ministério da Educação e Ciência. 1987.
- BESSELMAR, José Van Den. **Antonio Vieira: O homem, a obra, as idéias**. Lisboa. Instituto da Cultura e língua Portuguesa – Ministério da Educação e Ciência. 1981.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2001.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- BRANDÃO, Jacinto Lins. **A Poética do Hipocentauro**. Belo Horizonte – MG. Editora UFMG. 2001.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. In VIEIRA, Antonio. **História do Futuro**. Lisboa – Porto – Coimbra. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1992.

- CAMUS, Albert: **O mito de Sísifo**: RJ., trad Mauro Gama, Editora Guanabara, 2ª edição, 1989.
- CIDADE, Hernani. **Padre Antonio Vieira**. Lisboa, editorial Presença, 1985.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo – SP. Global. 2004. Volumes 1 e 2.
- CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Edição de Bolso. Organização de Cilene da Cunha Pereira. Porto Alegre, RS L&PM, 2008.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Record 1993.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo – SP. Perspectiva. 2006.
- FALCON, Francisco J. C. **Despotismo esclarecido**. São Paulo: Ática. 2002.
- FAORO, Raimundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. São Paulo – SP. Globo. 2004.
- FEYERABENT, Paul. **Contra o método**. Tradução de Octanny S. da Mata e Leônidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves. 1977.
- FREUD, Sigmund. **“O mal estar na civilização”**. Disponível em www.gabrieltorres.xpg.com.br/puc/o_mal_estar_na_civilizacao.pdf acesso em 24/03/2012 14H.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. São Paulo: Global. 2004.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2004.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras 1989.
- HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho**. Gregório de matos e a Bahia do séc. XVII. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas Ed. da Unicamp. 2004.

- HANSEN, João Adolfo. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** Rio de Janeiro: ALL, 1999. Disponível em: <<http://victorian.fortunecity.com/statue/44/ail.html>>. Acesso em: 1 abr. 2011.
- HANSEN, João Adolfo. In PÉCORA, Alcir. **Teatro do sacramento**: unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira. São Paulo: Edusp; Campinas: Ed. da Unicamp. 1994.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras. 2004. A
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**. São Paulo: Brasiliense. 2004. B
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de direção e outros. **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro – RJ. Bertrand Brasil. 1997. Volumes 1 e 2 **A Época Colonial**. AB'SABER, Aziz Nacib.
- HUNT, Lynn. **A nova história Cultural**. Tradução Jeferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes. 1992.
- IGLÉSIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil: Capítulos da Historiografia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova fronteira. Belo Horizonte: Editora Universidade Federal de Minas Gerais. 2000.
- JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Fides et Ratio**. São Paulo – SP. Paulinas. 2001.
- JORDÃO, Eduardo Antonio. **Agostinho: educação e fé na cidade de Deus**. Petrópolis: Editora Vozes. 2009
- KIERKEGAARD, Soren AAbye. **As obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discurso**. Tradução Álvaro Valls. Petrópolis- RJ. Editora Vozes. 2005.
- KIERKEGAARD, Soren AAbye. **Do Desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado**. Tradução Álvaro Valls. Porto Alegre: Escritos. 2004.

- KIERKEGAARD, Soren Aabye. **É preciso duvidar de tudo.** Tradução Sílvia s. Sampaio e Álvaro Valls. São Paulo – SP. Martins Fontes. 2003.
- KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O Conceito de Angústia.** Tradução Torrieri Guimarães. São Paulo – SP. HEMUS. 1968.
- KIERKEGAARD, Soren Aabye. Os Pensadores: **Diário de um sedutor ; Temor e tremor ; O desespero humano.** Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo – SP. Abril Cultural. 1979.
- LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.** Tradução Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2ª edição. 1987.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, Editora da Unicamp, 2003 2ª reimpressão 2006.
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1943. Volume IV
- LIMA JR. José. **Humorte: cósquinhas semióticas no umbigo da entropia.** Piraciaba: Unimep, 2001.
- LINS, Ivan. **Aspectos do Padre Antonio Vieira.** Rio de Janeiro – RJ. Livraria São José. 1962.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe.** São Paulo – SP. Paz e Terra. 2004.
- MARAVALL, José Antonio. **A cultura do Barroco.** Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Editora Edusp. 1997.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** Tradução Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo – SP Editora Martins Fontes 2002.
- MATTOSO, José. **História de Portugal. Vol IV.** Lisboa. Editorial Estampa, 1998.

- MUHANA, Adma in VIEIRA, Antonio. **Apologia das coisas profetizadas**. Lisboa: Cotovia. 1994.
- MUHANA, Adma. **Os Autos do Processo de Vieira na Inquisição**. São Paulo – SP. Editora Unesp. Salvador – BA. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1995.
- NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do Mal**. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 2003.
- NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da Moral**. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 2006.
- PAIVA, José Maria de. **Religiosidade e cultura nos séculos XVI e XVII**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2012.
- PAIVA, José Maria de. **Padre Vieira**. São Paulo – SP. Ícone. 2002
- PAIVA, José Maria de. **O método pedagógico jesuíta**. Viçosa: Imprensa universitária da Universidade Federal de Viçosa 1981.
- PALACIN, Luís. **Vieira e a Visão trágica do Barroco**. São Paulo. Instituto Nacional do livro fundação nacional pró-memória. 1986
- PÉCORA, Alcir in VIEIRA, Pe. Antonio. **Escritos históricos e políticos**. São Paulo: Martins Fontes. 1995.
- PÉCORA, Alcir. **Teatro do sacramento**: unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira. São Paulo: Edusp; Campinas: Ed. da Unicamp. 1994.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 1999.
- PESSOA, Fernando. **Obra poética** – volume único. Rio de Janeiro. Nova Aguilar S.A. 1985.
- PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo – SP. Brasiliense. 1994.

- QUINTANEIRO, Tânia e outros. **Um toque de clássicos. Marx. Durkheim. Weber.** Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2002.
- REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1998.
- RIBEIRO, DARCY. **O Processo Civilizatório.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.
- ROSA, J. Guimarães. **Primeiras Estórias.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** São Paulo – SP. Brasiliense. 2006.
- SARAIVA, José Antonio. **História e Utopia: Estudos Sobre Vieira.** Lisboa. Instituto da Cultura e língua Portuguesa – Ministério da Educação e Ciência. 1992.
- SARTRE, Jean-Paul. **As Palavras.** Trad. J. Guinsburg. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira: 6ª ed. 2ª imp. 2000.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação.** Trad. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro. Ed. Contraponto. 2001
- SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político Moderno.** Tradução Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. São Paulo. Companhia das Letras. 2003.
- STIRNER, Max. **O único e sua propriedade.** Tradução João Barrento. São Paulo – SP. Martins Fontes. 2009.
- UNAMUNO, Miguel de: **Do sentimento Trágico da Vida.** SP. trad. Eduardo Brandão. Editora Martins Fontes 1996.
- VIEIRA, Antonio. **Sermões escolhidos.** Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian. 2006.
- VIEIRA, Antonio. **CARTAS. Volume I.** Lisboa – Porto – Coimbra. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1997.

- VIEIRA, Antonio. **Escritos Históricos e Políticos**. São Paulo: Martins Fontes 1995.
- VIEIRA, Antonio. **Apologia das coisas profetizadas**. Lisboa: Cotovia. 1994.
- VIEIRA, Antonio. **História do Futuro**. Lisboa – Porto – Coimbra. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1992.
- VITA, Luis Washington & BARBUY, Heraldo & CZERNA, Renato Cirell & BÓ, Efrain Tomás & SILVA, Vicente Pereira da. **Soren Kieerkegaard**. Revista Brasileira de Filosofia, 1956.
- VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico**. Coleção os Pensadores. Tradução Marilena Chauí. São Paulo – SP. Abril Cultural. 1978.
- WEBER apud QUINTANEIRO, Tânia e outros. **Um toque de clássicos. Marx. Durkheim. Weber**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2002.
- WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais, volume II**. Tradução de Augustin Wernet. Campinas: Cortez, 1973.
- WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro – RJ. Nova Fronteira. 1999.
- WITTIGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução J. C. Bruni. São Paulo – SP. Abril Cultural. 1979.
- WITTIGENSTEIN, L. **Tractatus lógico-philosoficus**. Tradução José Arthur Gianotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1968.